

# Manzuá<sup>2</sup>





“Tem hora que a gente chega lá, esses dias mesmo eu cheguei lá, sentei assim naquela tabuinha que tá lá, né? Aí coloquei os pés dentro d’água e fiquei olhando, né? Olhando aquela água, aquele rio. Aí eu pensei comigo assim, né, falei assim: ô diacho, esse rio aqui era tão fundo, hoje tá tão raso, tão rasiinho. E fiquei olhando ela, observando a água que vem e que volta. Só olhando pra ela. Eu sei que ela entende a gente, né? O pensamento da gente. Ela ensinou muita coisa, né? Ela ensinou a gente a viver aqui. Usar a água. Saber usar ela, saber carinhar ela e cuidar dela.”

**MARIA DE JOÃO DE ALTA**



# cultura é desenvolvimento

**Q**uando li o primeiro número da revista Manzuá, não tive dúvida: publicação dessa qualidade precisa continuar. Agrada aos olhos, à mente e ao coração. Traz palavra inteligente e, sobretudo, sensível, atenta ao que importa. Resgata o que estava esquecido, dá atenção a pessoas cuja voz queremos ouvir, valoriza a vida do povo e a sua cultura.

O que você vai ler nas próximas páginas mostra um pouco do jeito de ser e de viver de várias comunidades do interior das Minas Gerais. É um privilégio escutar o que elas têm a dizer. Dá para aprender um bocado. Principalmente a respeito da natureza e, em especial, sobre as suas águas, elemento que alimenta o corpo e a alma.

Também dá gosto conhecer os relatos dos viajantes e dos artistas. Inspirados pelas veredas abertas por Guimarães Rosa, eles partilham sua experiência de contato com a terra e a sua gente de modo envolvente e sedutor. Dá vontade de saber mais, de pesquisar, de conferir tudo de pertinho...

Por isso, é uma alegria para o BDMG Cultural contribuir para o lançamento do segundo número da Manzuá, uma revista que vê a Cultura do mesmo modo que nós. Não como privilégio, favor ou supérfluo. Mas como direito, motor de desenvolvimento econômico e fator de inclusão social.

Boa leitura!

**ROGÉRIO FARIA TAVARES**  
**[BDMG CULTURAL**  
**DIRETOR-PRESIDENTE]**

**N**o sertão, é comum os amigos mais próximos chegarem pela porta da cozinha. É ali que o fogo aceso no preparo do arroz de pequi, do requeijão, do biscoito de polvilho anuncia, entre silêncios, olhares e sorrisos, que a casa é uma morada aberta a todos.

Por isso, nossa travessia começa pela cozinha de dona Tina, com suas fartas panelas e seu sorriso generoso. Seguimos, com o sabor do pequi ainda na memória da boca e dos olhos, para encontrar velhos e novos amigos e juntos construirmos a segunda edição da Manzuá.

Das águas do território, buscamos trazer as histórias da Carinhanha, rio que parece dividir as fronteiras entre os Gerais e a Bahia, mas que na verdade une povos e comunidades de suas beiras até desaguar no grande rio São Francisco.

Ah, os rios! De suas margens e veredas, colhemos poemas e histórias de Adeir, de Aleixo, Dionísio, Antônio Gramacho, Maria de João de Alta, Feliciano e Natalina. Conhecemos pela voz de Janaelle e trouxemos pra dentro da revista as mensagens dos povos Quilombolas do Norte de Minas. Do Urucuia veio a música dos mestres das violas, nascida do convívio com a natureza e com as pessoas. Seu Manelim, que recentemente foi homenageado nas festas de Urucuia, nos deu “filhos” que agora escrevem e tocam seus toques.

*O senhor? Olhe: o rio Carinhanha  
é preto, o Paracatu moreno;  
meu, em belo, é o Urucuia –  
paz das águas... É vida!...*  
(G. Rosa)

**A**s águas nos guiaram até seus plantadores, pessoas que dedicam tempo e cuidados para fazê-las brotarem e encharcaram o solo seco do sertão, certos de que virão ainda mais fartas do céu. Os plantadores de águas também nos revelam algo maior sobre suas agroflorestas: que o quintal e o Cerrado são uma coisa só, num convívio harmonioso em que um ajuda a sustentar o outro. É o que acontece no Peruaçu, quando a comunidade abraça o bem comum de seu patrimônio cultural e ambiental para oferecê-lo à humanidade.

O sertão nos impele à coragem e à ternura. É o que nos cantam, insistentes, os pássaros-poemas de Tavinho Moura, mesmo quando não os escutamos mais nos pastos e feridas do Cerrado brasileiro. É o que nos revelam os rios e as veredas, espelhos de buriti, retratados nas águas dos olhos de Kika Antunes. É, ainda, o que gritam com força as pedras lançadas por Guimarães Rosa na literatura brasileira e relançadas pela narrativa do cinema encantado de Gabriel Oliveira, Paulo Junior e Diego Zanotti. É a barriguda imponente e fincada como que para sempre na paisagem sertaneja.

No terreiro de Dona Lourença Borges, Maria dos Santos e Jovem Santos, a Manzuá é dança e dádiva, trouxa colorida passada na roda, de cabeça em cabeça, para lembrar que a vida é doação. A vida é dar para que o outro dê, mais adiante, a quem chegar pela porta da cozinha. E de novo acender o fogo, preparar o pequi, comer juntos e ver seguir o caminhante.

**DAMIANA CAMPOS  
MARCELA BERTELLI  
CAROL ABREU**



# SUMÁRIO

pequi, ouro do cerrado	06
peruaçu: patrimônio da humanidade, patrimônio do povo	10
violas do norte	16
norte das violas	20
pássaros-poemas	23
ancestralidade e direitos do povo negro	28
carinhanha, terceira margem	30
sobre pedras e monstros	38
todo verso que eu recito	42
Água, espelho de buriti	44
plantadores de águas	54
árvores do sertão: barriguda	64
diz	66
quem escreve	71

# PEQUI, OURO DO CERRADO

MARCELA BERTELLI

*Agrofloresta é você fazer a  
plantação dos seus mantimentos  
dentro das plantas que tem.*

*Lá tem um pé de manga, aqui  
um pé de figo, aqui é amora, ali  
jacarandá mimoso, lá adiante  
tem caju, tem cajá manga, umbu  
cajá, caqui, cacau. Tudo aqui  
tá plantado. Lá vem um pé de  
moringa, aí vem o pé de laranja,  
aqui um pé de angico e aí segue  
por diante. Sai aqui desse pé de  
jacarandá mimoso, pega o pé de  
pau-ferro e vai embora, olha lá, ó.*

José Aparecido de Macedo, Zé Torino

**N**o Gerais, muitos agricultores aproveitam os frutos do Cerrado para a produção de alimentos e manutenção da renda familiar. Organizados em cooperativas, extrativistas têm encontrado, na própria mata nativa do Cerrado e em espaços de pomares com manejo sustentável, a forma do desenvolvimento econômico, da preservação ambiental e da manutenção de sua rica cultura alimentar.

O pequi é um desses frutos que vêm ganhando espaço nos mercados de outras regiões do Brasil e até de outros países. A fruta é comercializada em polpa, óleo, farinha, doces, castanhas, licores e também *in natura*. Dos muitos jeitos de se consumir, a culinária é vastíssima: do universal arroz de pequi aos acompanhamentos diversos como pães, farofas, paçoca de carne, costelinha, galinhada, geleias, castanhas cristalizadas, temperos e até sucos e sorvetes.

De acordo com dados recentes do WWF – Brasil, que atua no fortalecimento da cadeia do agroextrativismo na região do Cerrado, “na Cooperativa dos Agricultores Familiares e Agroextrativistas do Vale do Peruaçu (Cooperuaçu), a última safra (2016/2017) do pequi, com produção entre dezembro e fevereiro, originou cerca de duas toneladas e meia de polpa, que foram comercializadas regionalmente em Januária e Montes Claros, e também nacionalmente. É o exemplo de Belo Horizonte, Brasília e São Paulo, por meio da Central do Cerrado”. Além do mercado nacional, o pequi tem sido exportado para o Japão em formas diversas, como o creme.

Foto: Bento Viana/Arquivo ISPN  
O pequi é fruto que deve ser colhido do chão. A cata no pé prejudica a produção do pequizeiro nas próximas safras.



## Dona Vicentina e as panelas

**V**icentina Bispo, conhecida como Dona Tina, é uma das muitas mulheres que participam da imensa rede de agricultores, extrativistas e beneficiadores do pequi. Ela “já sabia brigar com as panelas”, como diz, e tinha o desejo de aprender mais, fazer um curso de agroindústria. A distância do Instituto Federal não foi obstáculo: para frequentar as aulas, Tina percorria os cerca de 12 quilômetros diariamente de bicicleta. Hoje se orgulha de ter chegado ao final da formação que lhe abriu novas oportunidades e possibilitou a profissionalização do seu saber. Foi desafiada a criar novos produtos e encantou os professores e colegas com sua capacidade de trabalhar com os frutos da região, como o araticum e o pequi. “Não fiquei só na farofa, aperfeiçoei e criei outros produtos, doces e salgados”, comenta. Sua habilidade com o processamento dos frutos é tal que desenvolveu formas de secá-los e preservá-los, de utilizar o que antes era descartado, até criou ferramentas para abrir e

cortar as partes mais difíceis. Contando sua história, diz que “a gente vai fazendo as coisas sem imaginar a dimensão de onde vai dar”.

Dona Tina explica que é preciso colher o fruto do chão, pois a cata diretamente no pé prejudica a produção das safras seguintes. Ela diz que cada lugar tem seu próprio manejo e que não se pode forçar o pé retirando os frutos antes da hora certa, preocupação que ela tem por causa de atravessadores que querem comercializar o pequi antes do momento adequado.

O arroz com pequi de Dona Tina é famoso na região por causa de um “segredinho”. Aqui ela nos conta a receita!

## Arroz com pequi

“O arroz com pequi, o tradicional é colocar o pequi inteiro no arroz. O que eu fiz foi pegar a polpa que eu já usava para fazer a farofa, né? Eu fiz o arroz normal com carne de sol e linguiça e peguei essa

Foto: Kika Antunes

Farofa, tempero, lascas, polpa, castanha: do pequi, Dona Tina elabora diferentes produtos.



polpa e coloquei. Porque aí ela, ao cozinhar o arroz, vai amolecendo também e vai integrando no arroz. Dá essa coloração e esse sabor legal. Tem as pessoas que gostam de comer o pequi mas não gostam de pegá-lo, de roer mesmo. Essa é uma maneira de matar a vontade sem sujar a mão.

Refoga a carne com a linguiça, os temperos todos, torra um pouco o arroz e mistura com essa carne que já foi refogada. É nessa hora que coloca a polpa do pequi, mistura tudo, quando ela começa a mudar um pouco, aí adiciona a água quente e deixa o arroz cozinhar normal. É um arroz simples, porém diferente de muitos que tem por aí. O sabor se intensifica mais se você usar a água que cozinhou a carne – geralmente eu cozinho a carne antes pra ela ficar macia. Essa água você deixa pra colocar no arroz porque entranha o sabor da carne no arroz. A gordura que eu usei aí foi só a gordura do pouquinho da linguiça que eu refoguei. E é isso, só misturar as outras coisas: um pimentão, uma cenourinha, um cheiro verde, alho, sal, pra colorir mais o arroz e incrementar mais esse prato.”

Medidas: “Você pode colocar 300 gramas de polpa para 1 quilo de arroz, porque, se colocar muito, o arroz não fica legal, o sabor do arroz vai sumir. Então você coloca uns 800 gramas de carne e 300 gramas de linguiça, para não sobrepor uma coisa na outra, senão um rouba o sabor do outro. Você colocando uma quantidade razoável, um integra o outro e fica um sabor legal.”

## Dica de Dona Tina para preservar e utilizar a polpa do pequi

“A maneira mais fácil que você tem pra guardar a polpa é separar da castanha. Se não fizer isso, vai perder o fruto, porque acontece assim: a castanha tem os espinhos, quando eles ficam secos, a polpa fica madura, o fruto cai do pé, a gente colhe pra ser consumido. Aí as pessoas pegam esse fruto, lavam, cozinham e congelam. Com o passar do tempo, os cristais de gelo que formam na polpa ficam bem próximos dos espinhos. Aqueles espinhos que estão sequinhos, com o passar do tempo junto ali com a polpa úmida, vão começar a amolecer e soltar a coloração e o sabor amargo para a polpa. Aí a polpa começa a perder a característica, fica amarga, escura, dura, não cozinha de jeito nenhum, porque tudo aquilo ali passou pra massa.

O que você faz? Você pega o fruto, cozinha normal como se fosse pra comer, deixa esfriar, raspa ele pra soltar a polpa, põe no saquinho e congela, dura até 3 anos. Dessa maneira você pode fazer sorvete, o suco também, você coloca menos quantidade e adoça ele, cõa ali e adoça pra você ver que delícia que é! Se você bater com o leite, coloca um pouco de maisena e adoça com um pouquinho de canela, fica delicioso também. Essa polpa você pode inventar, pode fazer também na massa pra empada, pão, rosquinhas, bolinho, uma delícia, uma delícia. Na massa de torta, no recheio com os legumes e assa, fica hummm...”

Foto: Kika Antunes  
Cooperativas da região do Gerais comercializam o pequi internacionalmente.



# PERUAÇU: PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE, PATRIMÔNIO DO POVO

MYRLENE PEREIRA

**E**ncravadas ao longo do Vale do rio Peruaçu, montanhas milenares atraem a curiosidade de quem passa neste espaço dos Gerais, entre os municípios de Itacarambi, Januária, São João das Missões, Bonito de Minas, Cônego Marinho e Miravânia. Elas hoje constituem um dos mais valiosos patrimônios espeleológicos e arqueológicos do mundo, com cerca de 140 cavernas e 80 sítios com pinturas rupestres e registros dos diversos povos que habitaram a região. O conjunto faz parte de duas áreas integradas: O Parque Nacional Cavernas do Peruaçu e a APA Cavernas do Peruaçu. Ao nome *Peruaçu* são dados vários significados, mas, segundo o educador João Xakriabá, a palavra é derivada do Tupi: *Peri* – (sulco ou buraco formado pelas águas) e *Açu* (grande), ou seja, grande buraco formado pelas águas.

A beleza e a dimensão impressionam. Várias espécies da fauna e da flora de três importantes biomas – o cerrado, a caatinga e a floresta estacional ou mata seca – convivem em meio às cavernas em pleno semiárido, sendo que 39 espécies animais e 11 vegetais que vivem por ali estão ameaçadas de extinção. Além disso, este é o refúgio da parte subterrânea do Rio Peruaçu, importante afluente do Rio São Francisco.

Como explica Raiane Viana, analista ambiental do ICM-Bio, “A APA, criada em 1989 com o objetivo de proteger toda a bacia do Rio Peruaçu, compreende uma grande riqueza so-

cioambiental, pois o seu território possui sobreposição com o Parque Estadual Veredas do Peruaçu, com a Terra Indígena Xakriabá, com comunidades quilombolas e com os agricultores familiares e agroextrativistas que compõem a Cooperuaçu”.

Aberto à visitação pública em 2017, o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu representa um dos mais importantes patrimônios ambientais, arqueológicos (pinturas rupestres) e espeleológicos (cavernas) do Brasil – fundamental não só para as comunidades do Vale do Peruaçu, mas para se compreender a formação geológica e humana das Américas. Ele possui cerca de 56 mil hectares (a APA compreende cerca de 143 mil hectares) e, antes de sua abertura para acesso público, só estava acessível a pesquisadores e estudantes que ao longo dos anos cooperaram no estudo e mapeamento da área, além da elaboração do plano de manejo e preparação do Parque para sua abertura.

## conhecendo o parque

**E**ntra-se no PARNA Peruaçu pelo distrito de Fabião I, comunidade que oferece serviços turísticos de base comunitária aos visitantes, como hospedagem familiar e refeições baseadas na culinária local. Apesar da quantidade de cavernas e sítios existentes, hoje são oferecidos aos visitantes oito atrativos, escolhidos por interesse e condicionamento físico dos interessados. Os roteiros possuem estrutura como rampas e passarelas que trazem segurança e acessibilidade, ao mesmo tempo em que garantem proteção ao patrimônio



Foto: Tom Alves  
Pinturas rupestres encontradas no Parque indicam ocupação indígena na região há mais de 10 mil anos.

natural e arqueológico, como os cursos de água e os paredões de pinturas rupestres. O Parque continua em permanente adaptação para o turismo, mas é importante considerar que há diversas cavernas habitadas por animais silvestres, inclusive em risco de extinção, além de zonas que devem ser resguardadas à pesquisa e à preservação ambiental e arqueológica.

## Guias são formados na comunidade

**T**odos os guias hoje credenciados para condução dentro do Parque são moradores da região, a maioria profundamente ligada ao território desde que nasceu. Seu Mozart Lima é um dos antigos moradores da Área de Preservação Ambiental – APA Peruaçu, no entorno do Parque, e tem muitas lembranças da região. “Nasci e criei aqui na área da APA. De vez em quando ia pescar lá no Peruaçu quando ele corria. Lá tinha muito peixe: Traíra, Piau. Achava muito bonito, mas quase não entrava nas grutas porque lá tinha

onça, feras. O povo não conhecia e não entendia aquilo. Não sabia o que representava. A gente chamava de Lapa de Cinu onde hoje se chama Caverna Janelão. Ele morava lá, é parente meio longe. Vivia lá, era agricultor, plantava roça, criava gado, até morrer ficou lá mesmo”.

A vivência no entorno e a relação com as cavernas têm uma grande importância cultural e histórica. Nos diversos sítios arqueológicos foram encontrados esqueletos e pinturas rupestres que indicam as formas de vida de paleo-índios – assim chamados por representarem a ocupação indígena na região em diferentes períodos históricos que remontam há 12 mil anos. Muito antes de se tornar Parque, as pessoas da comunidade coexistiam com as cavernas e as formas de vida dali. E ainda hoje as comunidades do entorno do Parque têm uma relação cultural e ritualística com as cavernas. Para a etnia Xakriabá, por exemplo, é onde vivem os encantados da floresta.

Joaquim Nepomuceno Filho, conhecido como Kinka, quando criança, mantinha uma relação estreita com o rio

que corta as cavernas. “No entorno de onde são as cavernas era o meu quintal. A água que tem lá é só do Peruaçu, então pegava água lá. Eu era adolescente na época, conheci o rio de todas as formas, da enchente à seca, eu nadava lá, brincava. A primeira vez que fui à Gruta do Janelão, em 1983, fui pescar. Eu já tinha me deparado com alguns paredões tão altos, no boqueirão, mas o que chamava a atenção naquele era a meia lua do coração. Acredito que isso que originou o nome, nós não chamávamos aquilo ali de perna da bailarina, lá era o buraco dos macacos, porque tinha muitos bugios; ali tinha muitas frutas para eles. Quando estava com os parentes, gente que vinha lá de fora, de São Paulo, a gente ia mostrar. O que chamava mais a atenção era estar num buraco, numa caverna clara, com vegetação, a mata lá dentro e o rio”. As manifestações religiosas também tinham espaço na área das cavernas. “Na Semana Santa a gente ia às cavernas alimentar os peixes com farelo de milho e na Sexta-Feira Santa nós os comíamos para salvar a alma, como mandavam os mais velhos”, conta Kinka.

## PERUAÇU PATRIMÔNIO DO MUNDO

Com toda essa riqueza, o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu poderá se tornar Patrimônio Cultural e Natural da Humanidade, o que vem sendo pleiteado junto à UNESCO pelo Conselho Consultivo Cavernas do Peruaçu, composto por mais de 50 entidades governamentais e não governamentais, ambientalistas e representantes comunitários.

Os títulos de Patrimônio Cultural e Natural da Humanidade podem ser motivo de orgulho para o país, mas para as comunidades do entorno do Peruaçu eles podem significar mais do que isso. Têm o potencial de contribuir para a garantia da manutenção não apenas das cavernas, mas da biodiversidade e cultura da região, bem como gerar formas das comunidades resistirem no seu entorno. Tudo depende de como o processo e o planejamento para utilização posterior do Parque venham a ser conduzidos, o que demanda um esforço coletivo por um bem comum.

Foto: Rafael Pereira  
Os guias credenciados para condução dentro do parque são moradores de comunidades e municípios da região.



Rafael Pereira Pinto, analista ambiental do Instituto Chico Mendes – ICMBio – é também coordenador de visitação do Parque e vem acompanhando a Campanha Peruaçu Patrimônio da Humanidade. Segundo ele, “já foram feitas visitas que atestam que o Parque atende às características necessárias para receber o título. Foi realizada uma audiência pública em Januária, solicitada pela Assembleia Legislativa de Minas, para divulgar a ideia e atrair apoio para a causa”.

Os passos para a obtenção do registro de Patrimônio da Humanidade junto à UNESCO estão sendo dados. O primeiro é um relatório de candidatura, apresentando as características da área, sua importância biológica e cultural. Esse relatório deve ser apresentado ao Estado Brasileiro, que pode apresentar para a UNESCO apenas uma candidatura por ano. Segundo Rafael, o relatório é um dos principais desafios, por ser um exercício trabalhoso e custoso, que depende de recursos ainda não disponíveis. Para tal, foi criada uma campanha e um Grupo de Trabalho montado pelo Conselho Consultivo, que busca angariar recursos financeiros, mobilizar o poder público e informar as pessoas sobre o processo de titulação.

## o longo caminho da gestão compartilhada

No início da criação do Parque, muitos comunitários questionavam sua implantação. Não havia retorno sobre as muitas pesquisas realizadas a partir da década de 80. Ao mesmo tempo, nesse período a região era explorada e os governos investiam em plantação de eucalipto para carvoarias na região. As comunidades viam o Rio Peruaçu diminuir seu curso d’água e o Cerrado ser reduzido, fazendo abalar a confiança nas pesquisas e nas incursões pelas cavernas.

Segundo Kinka, “eles (pesquisadores) nunca faziam uma reunião na comunidade, a gente comentava que estavam arrancando o ouro, mas tem outras coisas, como os fósseis que dizem que estão no museu, eles nunca vieram mostrar ou levaram alguém daqui que tivesse interesse de ver... eles não divulgaram o trabalho que estavam fazendo”. Esse comportamento só contribuía para aumentar a desconfiança da comunidade com relação à implantação do Parque.

A mudança de comportamento na gestão integrada do território que abrange as comunidades e as demais unidades de conservação – como o Parque Estadual Veredas do Peruaçu – vem trazendo nos últimos anos resultados extremamente positivos, tanto para o conhecimento da área quanto para a melhoria da qualidade de vida da população do entorno do Parque. Seu Mozart acompanha a gestão participativa desde o início: “Participei do Plano de Manejo do Parque, em 2002 para 2003. Nas reuniões, aprendemos sobre a importância da mudança de comportamento. Por exemplo, de primeiro tacavam fogo e hoje não colocam mais, porque mata os micro-organismos e os incêndios criminosos destroem as veredas e são perigosos. O agroextrativismo também foi pensado pelo Plano de Manejo e depois se tornou renda para nós. Aqui estamos em uma área de recarga, o que a gente preservar aqui reflete lá (dentro do Parque)”.

Raiane Viana se posiciona na mesma linha: “Muito do que aparece do nosso trabalho é apenas o uso público, a visitação. Mas essa é só a ponta do iceberg. A gestão socioambiental, educação ambiental, fiscalização, combate a incêndios, licenciamento, pesquisa... muita coisa é feita para manter as belezas do Peruaçu”. Várias ações de recuperação do rio, de manejo sustentável e agroextrativismo vêm sendo desenvolvidas com as comunidades locais, escolas, prefeituras e municípios. Segundo Raiane, essas ações na área da APA impactam na manutenção da biodiversidade também dentro da área do Parque, uma vez que não é um local isolado, mas parte de todo um bioma.

Outro aspecto é que o turismo sustentável pode ser impulsionado na região, caso sejam obtidos os títulos. Segundo Rafael, a visitação vem impactando diretamente na renda dos moradores das comunidades. “As pessoas já estão abrindo os olhos para a importância de se organizar e gerando renda com isso. Já tem pousadas, restaurantes, receptivos familiares e principalmente muitos guias que são das comunidades locais”, diz Rafael. Ainda, segundo ele, há normas para a condução no parque. O condutor tem que estar credenciado e fazer uma formação específica. A legislação não restringe os guias à comunidade local, mas atualmente todos os credenciados – sendo 45 no total – são moradores da região.

Kinka é um dos guias mais antigos do Parque. Para ele, que já foi migrante em São Paulo, essa possibilidade profissional foi a realização do sonho de ter uma vida melhor no lugar onde nasceu. “Eu conheço 80% do parque, os



Foto: Hugo Messina  
Aberto à visitação desde 2017, o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu é procurado nacionalmente por seus espeleotemas.

outros 20% eram meu terreiro. Tudo o que eu adquiri hoje foi lá dentro do parque”. Esse conhecimento, aliado às várias formações de que participou para se profissionalizar, o ajudou a se tornar um dos mais procurados guias para incursões nas cavernas.

Ele e outros companheiros criaram a agência Vale dos Sonhos Ecoturismo. Para Kinka, é preciso maior incentivo do poder público para melhorar as estradas de acesso ao Parque e também a outras áreas turísticas da região, como o Rio Pandeiros. “Às vezes a pessoa vem de longe e quer conhecer as cavernas, mas também quer relaxar em outros lugares. Se tiver estrutura, pode gerar atrativo para nós aqui e para pessoas de outras regiões também”. Desde 2014, o Parque vem passando por reformas e adaptações para promover a acessibilidade.

Desafios diversos se apresentam constantemente. Para Raiane, é preciso intensificar as formações, pois as caçadas

de animais silvestres e as queimadas criminosas ainda são uma realidade que ameaça a riqueza natural da região. Ela acredita que a partir de uma maior visibilidade do Parque e de maior envolvimento das comunidades podem surgir incentivos para a manutenção da área. A candidatura ao título de Patrimônio Cultural e Natural da Humanidade com certeza é decisiva nesse sentido.

Outro desafio é apontado pela população local que reivindica maior acesso ao Parque e ao conhecimento produzido a partir dele: Seu Mozart espera que as escolas e associações possam ter uma relação mais estreita com a visitação do Parque, aumentando o conhecimento dos moradores. Já Kinka acredita que as pesquisas realizadas ao longo do tempo possam contribuir para conter ou sanar os impactos ambientais que a região vem sentindo. “Precisamos do Peruaçu vivo. O título e o turismo são mais formas de preservarmos a natureza, as cavernas e nós mesmos”, conclui.

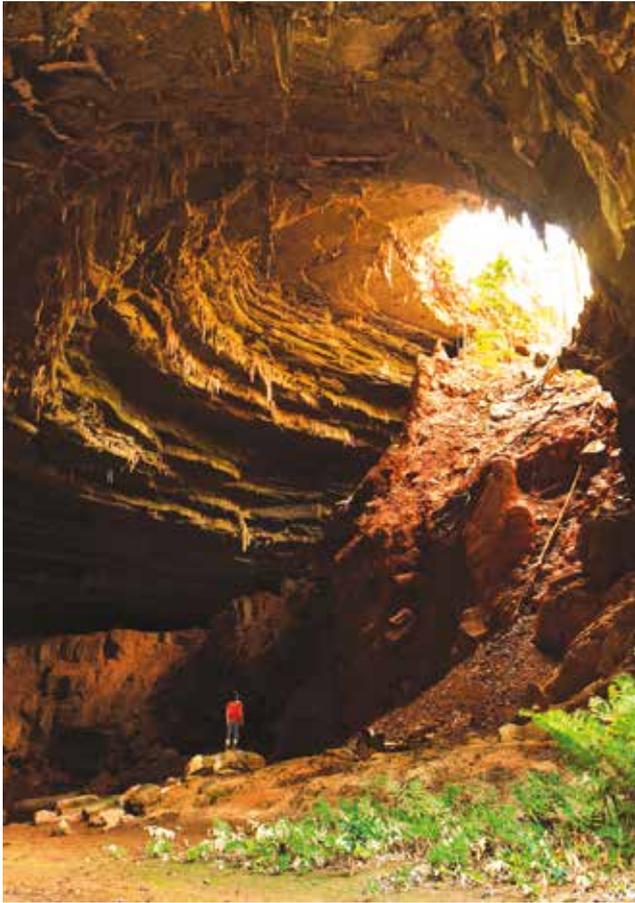


Foto: Tom Alves

A grandiosidade das cavernas e sítios arqueológicos vem atraindo cada vez mais a curiosidade de visitantes, recebidos pelas comunidades do entorno.

## DENTRO DO PARQUE

A Gruta do Janelão é o atrativo mais procurado pelos visitantes. Impressiona sua grandiosidade, com a formação de dolinas que oferecem uma luminosidade especial aos imensos salões com seus espeleotemas de cores diversas. Além disso, a gruta é toda atravessada pelo rio Peruaçu, apresentando a vista dos mais atentos com um belo espelho d'água. Ao final do percurso está a considerada maior estalactite do mundo, a Perna da Bailarina.

Não é apenas o Janelão que impressiona. A Lapa Bonita é considerada uma das mais belas e ornamentadas do Parque, com salões de espeleotemas e o denominado Salão Vermelho, coberto por sedimentos avermelhados. Para conhecer as pinturas rupestres, o roteiro que oferece mais quantidade e diversidade é a Lapa do Índio, com paredões de pinturas que vão até o teto. No caminho, tem-se uma visão ampla do Parque visto de cima.

Na Lapa do Boquete foram encontrados diversos registros e materiais que atestam a presença humana pré-histórica no Vale do Peruaçu, como sepultamentos, pinturas e um silo utilizado para armazenar alimentos. O caminho para a Lapa dos Desenhos, que margeia o rio Peruaçu, tem como destino um imenso paredão com um dos mais impressionantes conjuntos de pinturas rupestres do Parque. Nele é possível ver os diferentes pigmentos, técnicas aplicadas e estilos da arte rupestre em épocas distintas da ocupação humana.

Para se chegar à Lapa do Rezar é preciso preparo físico para subir os mais de 500 degraus. Mas a vista é recompensada pela grandiosidade, riqueza e beleza reunidas ali. Além do conjunto de arte rupestre, a gruta apresenta toda a exuberância de seus espeleotemas e a grandiosidade do salão de entrada com mais de 40 metros de altura.

A beleza natural do Parque é atrativo do caminho para a Lapa do Caboclo e do Carlúcio, que possuem mirantes de onde é possível avistar de cima a rica vegetação de mata seca, algumas árvores da caatinga e a dimensão das formações rochosas.

Para visitar o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, é preciso agendar previamente o passeio junto à gestão, que demanda a presença de um dos guias credenciados. Além disso, cada roteiro comporta um número máximo de visitantes por dia, pois é necessário que as áreas se recomponham.

Para agendar a visita: [cavernas.peruacu@icmbio.gov.br](mailto:cavernas.peruacu@icmbio.gov.br). Para conhecer os roteiros e acessar a lista de condutores credenciados: <http://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/8642-o-parque-nacional-cavernas-do-peruacu>.

# VIOLAS DO NORTE

ADNER SENA

No final do ano de 2015, uma decisão quixotesca me acometeu: atravessar o Sertão geográfico e literário de Guimarães Rosa à procura daquela que seria a melodia da canção de Siruiz. Esta canção inexistente, feita só de rio e palavras, inundou minha ideia. Foi lá onde nasce o Rio das Velhas que nasceu também o desejo por esta aventura. O rio, que não sabe o seu revés, me conduziu Sertão adentro: rio afora, rio abaixo, rio... Lá na Barra do Guaicuí, onde o das Velhas encontra o Velho Chico, sob o teto de estrelas de um templo feito de pedra e árvore, acompanhei ao som da minha viola, a Iauaretê, uma questão: onde estará a melodia? Na viola dos velhos? Nas vozes dos rios e dos ventos? No canto dos pássaros? Qual silêncio conduziria à escuta do inexistente?

Fui seguindo, fui seguindo, percorrendo paisagens e recitências. O Velho Chico, irrefutável em suas escuras águas, dividiu minha vida em duas. Fiz a travessia na altura de São Romão e lá ouvi boatos e silêncios muito estranhos, mas de Siruiz ainda nada encontrei. Andalécio? Corri dias nesses verdes: trinca-ferro, alma-de-gato, sabiás, saíras, bem-te-vis, passarinhos que por lá ainda cantam em tupi. Ave-Sertão! Ave-Viola! Ave-Canção! Buriti – água azulada – areia branca do Urucuia. Eu sofria era a sede do peixe. Passando por inúmeras encruzilhadas e cancelas, segui para Riachinho e de lá para o Urucuia, antigo Porto de Manga.

Por razões maiores e desígnios misteriosos, a estadia, prevista para durar três dias, durou quatro meses. De primeiro fui atrás de Seu Manoel de Oliveira, violeiro afamado no universo da viola, conhecedor de inúmeras afinações e referência para todos aqueles que ponteiam na afinação de Rio Abaixo. Aposentado folião de Reis, ficou conhecido graças ao violeiro paulista Paulo Freire e suas

andanças por lá nos anos 70. Com muita paciência, ficou todo o tempo me ensinando os seus toques e os demais que tinha conhecimento: o Rio Abaixo, a Inhuma, o Sapo e o Veado, o Conselheiro, os Dois Capetas, o Papagaio, a Luduvina, o Pica-pau, o Rabicho da Geralda, o Enfuzado (o seu e o de Dona Onora, sua mãe adotiva). O Enfuzado, Seu Manoel me ensinou por último. Ele diz que este toque possui um encantamento que se for aprendido primeiro, antes dos outros, o violeiro não aprende mais toque nenhum, só fica tocando Enfuzado. Havia muito que Seu Manoel não se apresentava tocando viola, mas já nos primeiros dias da minha estadia, motivado pelo meu entusiasmo ao ser convidado a participar de uma apresentação, tocamos, ao lado do também violeiro Sinésio, em um evento chamado Territórios do Grande Sertão. Depois disso, Seu Manoel até compôs um toque dedicado a mim, que não tem nome, mas que chamo de “um toque de mestre para um aprendiz de violeiro”.

Pela família de Seu Manoel, fui acolhido como um membro. Dona Vicentina, sua esposa, mulher católica e memória viva da família, além de me ensinar a “temperar” cachaça, me contou muitas histórias. Uma delas de um violeiro tio seu que imitava o canto de qualquer passarinho na viola e que diziam ter feito o pacto. Corria o boato de que ele deitava a viola numa mesa e ela tocava sozinha. Este largou de tocar depois de virar crente e se mudar para São Romão para passar seus derradeiros dias. Histórias têm pés, mãos e ouvidos. Coisa humana.

Miguel, dos filhos de Dona Vicentina e Seu Manoel, foi o que mais se ocupou de mim. Folião igual ao pai antigamente, levou-me para conhecer toda a turma da Folia de Reis da qual ele faz parte. No meio de violas, violões, rabecas, caixas e pandeiros, aprendi que a Folia de Reis é devoção, mas também é diversão. A Folia sai sempre na véspera do dia de Santos Reis, entre o Natal e o dia 6 de janeiro. O “giro”, o percurso que a Folia faz, pode durar muitos dias, sempre visitando as casas à noite, tal como os Reis Magos seguiam a estrela que levava ao menino Jesus. Durante o dia, só farra e sono. Das músicas que se

Foto: Marcela Bertelli  
Violas da região de São Francisco na Associação Cultuarte.





Foto: Érika Neves  
Do mestre Seu Manuel, vieram toques como o Rio Abaixo, a Inhuma, os Dois Capetas, a Luduvina e o Enfuzado – que deve ser aprendido por último.

tocam nestes momentos de diversão, a que mais me interessou foi o Lundu. Dizem que antigamente havia quem espalhava muitos ovos pelo chão de uma sala e sapateava o Lundu sem quebrar nenhum. Seu Manoel e Dona Vicentina me confirmaram.

Todo esse tempo morei na casa do amigo e violeiro Sinésio, natural de Carai, na outra banda do São Francisco, e erradicado em terras urucuianas. Ele me cedeu casa, comida e cachaça a troco de uns truques de viola que ele tinha gostado muito. Sua casa, seu cantinho favorito, fica a uns 2 quilômetros da cidade, às margens do Rio Urucuia, meu rio de águas verdes e de amor. Sinésio, numa das nossas muitas conversas, foi quem me elucidou sobre o fato de que na encruzilhada não se faz pacto com o Sem Feição. Ele não há. Lá vivem são os mortos, almas muito antigas, que podem nos ajudar ou atrapalhar, nos guiar ou nos perder, conforme for a natureza do nosso coração. Seu pai era espírita, religião do Kardec, e foi ele quem o instruiu nesses assuntos. O Diá não há. Não devia de. Terra de violas e lendas. Fatos? Sinésio e eu tocamos juntos em muitos eventos, festas e fazendas. O povo sempre muito atento, muitas vezes em silêncio observando o tocador, causou em mim grande estranhamento. O público, apesar de formado em grande parte por pessoas simples, sabia tudo de viola e música, mesmo não sendo tocadores: nome de afinações, toques, violeiros “embrulhões”, mil e uma modas...

Sempre que posso retorno para o Sertão de minha terra. Numa das vezes, Sinésio me chamou para participar com ele e Maria José, também minha amiga, de uma caminhada que acontece do povoado de Sagarana até a Chapada Gaúcha: O Caminho do Sertão. Era sua terceira edição. Fomos de caminhoneta, acompanhando os caminhantes, tocando nas paradas e levando alguns utensílios. Muitas pessoas me pareciam grandes personagens escritos a pena póstuma de Guimarães Rosa: Almir Paraka, o Matuturana, idealizador do caminho e pensador do Sertão; Seu Argemiro e sua prosa boa pra mais de légua; Dona Geralda, da Fazenda Menino, senhora encarnada em coragem; Tião, rabequeiro, violeiro e construtor de instrumentos populares do Ribeirão de Areia e toda a gente que vive nos rincões do Sertão.

Na quarta edição participei como caminhante e pude ver com meus pés as veredas de águas claras e as veredas mortas pela mão do homem; o cerrado exuberante, a força de suas plantas e animais, a morte de rios e o desmatamento pela monocultura extensiva, pelas carvoarias:



pelo homem. Vi com minhas mãos, desde outrora, muitos deles entregues ao consumo do “sertanejo” fabricado nas metrópoles do *show business* e à monocultura extensiva da indústria cultural. Os costumes muito antigos, resistentes e de raízes profundas feito o cerrado, vivem sob ameaça. Sertão: corpo grande. Veredas: suor da terra. Tudo é paz e guerra. Você tolere: isto é o Sertão! Uns querem que não seja. Olhe: o que devia de haver, segundo um tal João, era de se reunirem-se os sábios, políticos, constituições gradas, fecharem o definitivo a noção – proclamar por uma vez, artes assembleias, que não se pode mais haver colonialismos, colonialidades. Valor de lei! Só assim, davam tranquilidade boa à gente. Por que o Governo não cuida?

Ah! Mas eu sempre fui inclinado é para as naturezas: gentes feitas de fauna e flora. Remanso de rio largo, viola da solidão. Se conheci o sotaque das águas? Se ouvi o pontear do vento? Servi canção à voz dos pássaros? Se desconfo ou se fio, afino ou desafino no contar da estória, digo enfim que minha pátria é a viola e o rio meu caminho. O Sertão é a sós e a nós; e a canção de Siruiz soa em mim como tatuagem. Tudo o mais é história.

# NORTE DAS VIOLAS

PAULO FREIRE

Nos anos 70 eu iniciava minha carreira musical em São Paulo. O Brasil vivia tempos sombrios, de ditadura. Entrei na faculdade de jornalismo, mas me aborreci muito com o que era ensinado, alguns professores estavam presos. Sentia que precisava encontrar um caminho artístico, que fosse de acordo com minhas aspirações, mas não sabia por onde começar. Até que eu li “Grande Sertão: Veredas”. Pronto! João Guimarães Rosa nos oferecia um mundo. Assim, em 1977, junto com dois amigos, fomos morar no Uruçuia.

Não tínhamos nenhum conhecido para procurar, uma indicação que fosse, nome de ninguém, cidade, violeiro, nada... Apenas o mapa feito pelo Poty das edições antigas do Grande Sertão e a informação que no dia 13 de junho havia uma festa importante na Serra das Araras. Pensávamos assim: ora, se o Rosa alcançou uma linguagem tão extraordinária e musical em seu texto, é que deve existir uma música muito importante nessa região que ele retrata. Vambora!

Conseguimos marcar uma conversa com Ariano Suassuna e Antônio Madureira, no Recife, que nos contaram um pouco de suas pesquisas para o Movimento Armorial. Aí, pegamos o vapor em Petrolina, subimos o Rio São Francisco até Januária. Ali tomamos um ônibus para a Serra das Araras. Vimos a festa para Santo Antônio sendo montada, os mascates e fiéis chegando, vinham noivos e noivas para os casamentos coletivos, crianças para os batizados. Moço, dona, vão ouvindo, esse foi o primeiro contato de três jovens de 19 anos, nascidos e criados em São Paulo, com o sertão mineiro.

Fugíamos da agitação da festa e aproximávamo-nos dos sertanejos. Conhecemos Miguel Fogoso, cangaceiro do

bando de Antônio Dó, que nos recebeu em sua casa e contou do corpo fechado de seu chefe; almoçamos na casa de uma senhora que curou a febre de seu filho a poder de reza, desenhando cruz no peito e na testa do menino e mandando benzer sua roupa; e finalmente conhecemos um vaqueiro chamado Juquinha Gombê. Ele havia ido a cavalo de Porto de Manga (hoje a cidade Uruçuia) até a Serra, pagando uma promessa de muitos anos. E nos disse que viola, Folia de Reis, cantoria, tudo o que a gente queria, tinha em Porto de Manga. Cantou-nos um aboio e tocou um batuque na caixa. Lindo! Ele morava na Taboca, meia légua de Porto de Manga. Disse-nos que fôssemos para lá e que dissêssemos a qualquer um que éramos seus amigos.

Com esse cartão de visitas, pegamos um caminhão na Serra das Araras e chegamos em Porto de Manga. Lá fomos muito bem recebidos, apesar da desconfiança de muita gente. Ora essa, por que três meninos de São Paulo estavam querendo ir morar no Uruçuia se o movimento natural de todos era sair de lá para morar na cidade grande? Fazíamos o movimento inverso.

Logo conhecemos João da Mata, filho do seu Juquinha. O João é profundo conhecedor do cerrado, sanfoneiro e, quando paramos na porta da sua casa, ele estava construindo um carro de boi! João nos apresentou ao Manoel de Oliveira, Mestre Manelim. Ai ai ai... cheguei! Conheci vários mestres enquanto morei no Uruçuia. Todos grandes violeiros. Mas com o Manelim aconteceu algo diferente. Aceitou-me como se fosse um filho. Passei temporadas em sua casa. Trabalhava na roça durante o dia e no final da tarde ficávamos no terreiro de sua casa tocando viola. Foi assim que aprendi o toque da Inhuma, o voo dos Papagaios, a peleja do Sapo e o Veado, o toque do Conselheiro, a afinação Vencedor, ah, as afinações todas, enfim, isso ia muito além do que eu imaginava encontrar. E mergulhei de corpo e alma na viola.

Fui percebendo que o aprendizado de viola no sertão passa obrigatoriamente pelo convívio com a natureza, pela maneira de viver e se relacionar com as pessoas. Quando alguém me procura para ter aula de viola eu sempre res-

Foto: Cacai Nunes.

Os violeiros Badia, Paulo Freire e Manoel, reunidos na festa de Uruçuia.



pondo: “Gosta do jeito que eu toco? Ué, vai pro Urucuia, gruda no Manelim, nos mestres, levanta uma cerca, planta feijão na vazante do rio, vai!”. Sim, e muita gente foi...

Como aprender o toque da Lagartixa, como aprender o rolo que o sapo fez com o veado, como atentar para a presença do tinioso, como é possível este aprendizado sem viver no sertão? Ah, falar nisso, o capeta... Seu Manoel sempre me colocou longe disso. E dizia: “Paulo, usa, que serás mestre”. Quer dizer, estuda, toca, agarra na viola e não procure esse atalho! Mas como explicar um bocado de coisas que vi e vivi no sertão? O que me perseguia dentro do cerrado perto da casa do seu Juquinha, que só sossegava quando eu parava e encarava um vazio cheio de movimento bem na minha fuça? Ou o que aconteceu quando comi figado de bicho preguiça na casa de um violeiro sabidamente pactário? Ah, nada não digo...

Os rabequeiros também não ficam atrás. Seu Antônio, no Urucuia, além de tocar muito, sabia lidar com outras coisas. Vai ouvindo. Íamos em cima da boleia de um caminhão cantar em um cemitério, na Folia de Reis do Mestre Manelim. Avistamos lááá na frente as nuvens se formando, anunciando tempestade. Nós na boleia, o cemitério sem um teto sequer. Seu Antônio fez um gesto com a mão, como que espantando as nuvens, e disse: “Ah, bem que essa chuva podia voltar a Folia e cair só depois que estivéssemos voltando”. Dito e feito! Vimos a chuva cair ao longe, e depois respeitosamente despencar no nosso rastro. O que foi isso? E tinha também o seu Henrique, o Pau-Ferro, em São Francisco, com todos os seus preparados na garrafinha, que davam coragem e curavam todos os males.

Quando o movimento das carvoarias começou no Norte de Minas, na década de 80, deu uma tristeza danada. Vi o cerrado sendo carregado, transformado em carvão, viajando em cima dos caminhões. Vi os Iglus de Fogo queimando as árvores. Ora essa, se o cerrado for embora, se ofender o rio, se expulsar o sertanejo, vai tudo embora junto: violas, rabeças, Folias, a vida e a sabedoria curtida durante tantos anos no tempo e ritmo do sertão.

Não posso deixar de citar outro grande mestre: Adão Barbeiro, da cidade de São Francisco. Seu Adão recebia a todos em seu salão, sentado na cadeira de barbear, disparando sabedorias. Quando pegava na viola era uma enormidade. Era guia de uma Folia extraordinária, com a qual tive oportunidade de fazer um grande giro. Seu Adão era daqueles mestres que juntava as pessoas, promovia encontros, trouxe o Reis do Cacete para São Francisco e mais

um bocado de assunto. Quando ele faleceu, a notícia veio como uma devastação. A sabedoria que ele carregava era a própria natureza. Essa mesma natureza que estão devastando. O cerrado indo embora, transformado em carvão, tem a dimensão de quando seu Adão faleceu e carregou com ele os segredos dos mestres.

Só de lidar com esse assunto já me dá uma saudade danada do Urucuia. De encostar no seu Manelim, de banhar no rio, assuntar o voo dos papagaios. E também lutar para que todos percebam a importância do sertão. Entender que essa palavra – sertão – não pode ficar apenas no papel, ou na boca das pessoas. Mas que grude na sola do pé, que invada a nossa alma, para que o ponteadado de nossas violinhas possa escorrer caudaloso, semeando nossas vidas.

# PÁSSAROS-POEMAS

TAVINHO MOURA

## Anhuma

Violeiros das duas bandas do Rio São Francisco, no sertão mineiro, têm o dom de ouvir, de reproduzir na viola o canto da anhuma. Inventionice, coisa de criatura ou um elemento mágico, uma revelação? Todos sabem, aprenderam com os avós.

Anhuma não canta, afirmou o padre. Pois elas estão cantando, disse o rapaz, e prosseguiu: o senhor não ouve porque não tem fé.

Minha companheira de música, é triste seu desassossego, que vem desde o descobrimento. Caçadores te comparam aos perus e curandeiros querem de seu chifre poderes mágicos. Guarde-se em alerta, retirada nas mais distantes lagoas. A insensatez pouco sabe ou nada conhece de seus rumores solitários, no fim da tarde, sua música nos alagados.



Fotos: Tavinho Moura

## Beija-flor

Beija-flor, feito de cores e açúcar. Tons metálicos adejantes diante das ramarias floridas. Pai e mãe de florestas inteiras dependentes de seus beijos. Zoa feito besouro cortando ar e nos deixa intrigados. Seu coraçãozinho pode percutir seiscentas batidas por minuto e chegar a mais de mil e duzentas. Quando é noite, em sono letárgico, percute 35 vezes, podendo o beija-flor ser apanhado a mão. Há, entre eles, cantores compulsivos de uma música quase inaudível, com diferentes sonoridades e fraseados melódicos. Um raio solar e o beija-flor fica verde-luminoso, azul com roxo e amarelo, os rubis dos colibris, cores de flores preferidas como as *Lantanas*.

Temos para com esses passarinhos uma dívida impagável.

Inverte-se, e o selvagem somos nós. Impusemos a algumas espécies de beija-flores o fim. Só no ano de 1967 é que foi proibido o comércio de peles de beija-flores. Num leilão em Londres foram vendidas 37.600 peles de beija-flores provenientes do Brasil.



## Mãe-da-lua

Ave sem aparência, de exterioridade enganosa, não insinua pássaro: no chão é chão, na madeira é galho, na pedra é pedra. Tem nas pálpebras superiores duas incisões que a deixam ver mesmo estando de olhos fechados. Duas capelinhas por onde tudo passa. A voz da mãe-da-lua arde pelo ar um verso longo que se derrama grave ao final da escala. O escuro teme o trino sombrio, a inesperada melodia que acalma e atemoriza a noite brasileira.



## MANUELZINHO-DA-CRÔA

Água só água só só só... para um aquático manuelzinho-da-crôa, a ave mais bonita e mais graciosa das praias de rio... “é preciso olhar para esses com todo carinho”, disse Diadorim e aquilo dito com ternura de voz por um jagunço dos brabos causava espanto. Riobaldo sempre lembrava “de todos, o pássaro mais bonito, gentil que existe é mesmo o manuelzinho-da-crôa”.



## seriema

Afinando as gargantas em harmonioso ensaio, seriemas arramam seus duetos. O duo vibrante ecoa nos barrancos, se multiplica percutindo pelos pastos. Na seca, ficam como capim maduro, empoeiradas, cáquis e sem viço. Quando é setembro de chuvas novas, nuvens escuras e tudo cheira mato e terra, de plumagem renovada cacarejam nas manhãs e tardes, uma após a outra, um decorado demorado cheio de saudades.



## SURUCUÁ

Tem o capitão-do-mato natureza alegórica. Fardado de intensas cores uniformes e puras, cercadas por uma aplicada linha guia, em combinação suave e correta. De dentro da vistosa plumagem um canto claro: a clamorosa melodia do surucuá. Pássaro lamento.



# ANCESTRALIDADE E DIREITOS DO POVO NEGRO

Movimentação das comunidades quilombolas no norte de Minas e no Brasil direcionam os passos por nenhum direito a menos

JANAELLE NERI

Falar sobre o Norte de Minas sem contemplar as Comunidades Tradicionais é tentar ver de olhos vendados. Início pedindo permissão a todas as lideranças negras, quilombolas de nossa região, para tentar retratar a beleza e orgulho que é ser parte deste povo. Com a benção dos antigos e com todo respeito às vidas que se passaram, aceitei este convite da Manzuá, instrumento pelo qual tenho maior admiração. Ao pensar o que dizer, veio à mente a história dos meus avós, pais, irmãos, parentes, amigos e a história do meu filho, refletindo nos olhos dele os filhos de tantas mulheres negras neste espaço/tempo.

Minha mãe escrevia as cartas para os moradores da Tapera, comunidade do município de Matias Cardoso, mais conhecida como Lapinha, que deu o apelido ao meu pai, Geraldo Tapera. Eu era a criança que aos oito anos, recém-alfabetizada, sucedi a minha mãe nesta tarefa. Não sabia que neste momento eu registrava a história da minha ancestralidade. Ouvindo as notícias da roça, passando vagarosamente do oral para o papel os relatos daqueles que ainda estavam morando na área rural. Esta é a primeira lembrança de povo que carrego, o que veio a ser a minha missão como adulta, levar a mensagem das comunidades para frente. Reconheço e admiro isso.

Traçar a força do sertão a partir da cadência dessas comunidades me dá segurança para dizer que estamos caminhando a passos firmes e seguros. Enquanto escrevo este texto ocorre a publicação da Resolução específica para Docência em Escolas Quilombolas de todo o Estado de Minas Gerais. Há muito o que comemorar. A partir de agora, quilombolas terão prioridade para lecionar em sua própria comunidade. Curiosamente, uma resolução traçada por uma equipe majoritariamente de mulheres negras. Não será uma descrição de faltas, definitivamente. Este espaço será uma descrição de força, de otimismo e de orgulho de todo o processo histórico que vivemos. A cada

dia que passa temos mais consciência dos direitos individuais e coletivos, a cada dia mais e mais jovens quilombolas se autoafirmam como tal e se jogam no caminho de enfrentamento da desigualdade. O cenário visto é de transformação, de realização, mesmo com tantos ventos contrários.

Percorri durante os últimos 15 anos o Vale do São Francisco, além de ter nascido nele. Sou a parte otimista da história. Acredito piamente na formação desta rede de saberes das comunidades ligadas culturalmente, no mais amplo sentido que a cultura representa. Acredito também no fortalecimento da Política Pública considerando a identidade e especificidade de cada comunidade, na leitura da vida adaptada ao semiárido, nas pesquisas voltadas à saúde da população negra, no investimento em literatura e material didático específico sobre a cultura local e saberes tradicionais. Além disso, creio na necessidade do incentivo aos jovens para estudarem infinitas possibilidades de profissões com o ingresso em faculdades das mais diversas áreas. Acredito em um Poder Público municipal sensível à história de cada comunidade, com planos ligados ao reconhecimento e incentivo à regularização territorial. Parece óbvio, não é mesmo? Parece tranquilo pensar em oportunidades. Mas não é.

Quando se trata de direitos adquiridos para a população negra no Brasil, o que parece óbvio está muito mais para uma saga com direito a comemorações dos avanços a cada milímetro percorrido. A cor negra da pele, o sotaque, a as-

pereza da terra, as limitações de acesso àquilo que socialmente parece fundamental fazem com que nossas comunidades estejam longe de terem direitos fundamentais resguardados. Falamos de comunidades que ficaram séculos à margem de discussões simples sobre a própria vida, que tiveram terras tomadas, casas demolidas, territórios não respeitados.

O tempo é para que nos amemos, todos nós! Quilombolas de todo o norte de Minas, mestres de reis, tocadores de caixa, cantores de ladainhas, dançarinos de lundu, curadores de animais!

Não podemos aceitar que os desmontes institucionais – em meio à fragilidade da nossa infantil democracia –, uma ameaça constante de perdas de direitos, estremeça os corações daqueles que fazem o sertão renascer a cada chuva. Este é um chamado a todas as comunidades quilombolas: uni-vos! Saiam das porteiras imaginárias! Avancem nadando contra a correnteza! Com seus bancos de sementes, suas danças e seus credos, sua força vibratória íntima que enlaça com os ancestrais africanos, com sua resistência, palavra de ordem das comunidades, com sua vontade de viver. Uni-vos!

Saudando o grande Rio São Francisco, amigo de todos os outros que o fortalecem, um grande salve a todas as comunidades quilombolas do sertão, vencedoras por natureza, fortes por bravura, felizes por teimosia. Que consigamos juntos construir um país melhor com oportunidades iguais para todos.

Foto: Maria Ribeiro

Festa, devoção e tradição fortalecem laços de organização comunitária. Festeiras de São Pedro, Comunidade Quilombola do Onça, Januária.



# CARINHANHA, TERCEIRA MARGEM

Percorremos o maior  
afluente da margem  
esquerda do São  
Francisco, da  
nascente à foz

CAROL ABREU

“Como tem o princípio, tem o fim. É, sim, senhora. E aí até que o princípio já não é o fim. E nem o fim é o princípio. Cês entenderam, né?” João de Alta elaborava seu aforismo satisfeito com a audiência. Sentadas no sofá, nós tomávamos o quinto café do dia, ouvindo o que ele dizia. “Mas agora eu vou perguntar à senhora: onde que é o meio do rio?”. Apertei o ouvido, levei o gravador para mais perto dele. O meio do rio. “A senhora não sabe, não? Não sabe onde é o meio do rio?” Teodora, sua esposa, olhava cúmplice. “Pois eu vou contar pra vocês: o meio do rio é o ‘i’!”. A gargalhada de João ecoou na sala inteira. “Quer dizer, a senhora veio achando que eu sou bem instruído, mas não sou não, senhora. Sou analfabeto”, debochou.

De pele queimada, barba e cabelos brancos, João de Alta vive com Teodora no assentamento Rio dos Bois, vizinhança do Parque Nacional Grande Sertão Veredas no município de Chapada Gaúcha, noroeste de Minas Gerais. “Eu nasci e criei aqui nesse local. É, sim senhora, nesse lugar. Nunca mudei. Estudei em Januária um pouquinho pra enxergar esse segredo dessas 26 letras. Mas muito mal, só mesmo pra quebrar o galho”, ele conta. O rio Carinhanha passa a poucos metros da casa, formando corredeiras entre as pedras. “O que eu mais gosto na Carinhanha, ah, senhora, vou falar o que eu mais gosto: é a água”, ele gargalha outra vez. “A senhora entendeu?”

Sua mãe se chamava Altamira, daí o complemento que o acompanha nos arredores do rio dos Bois: João de Souza é João de Alta, sempre foi. Sua filha, Maria de Souza Luz, carrega a linhagem familiar completa: Maria de João de Alta. Quando se casou, 30 anos atrás, ela subiu o rio: foi morar alguns quilômetros acima, na Estiva, com o companheiro Berto. A Carinhanha nasce ali pertinho,

Foto: Kika Antunes

Aos 69 anos, o remeiro Fissu ainda pesca no São Francisco e na Carinhanha.



nos arredores do parque – o princípio do rio, como diria seu pai. Na Estiva, a água ganha corpo, farta. Maria tem os olhos da cor dessa água que corre no fundo de casa, um marrom-esverdeado brilhante e molhado.

Comemos frango com pirão em sua cozinha grande, panelas areadinhas na estante, filtro de barro com água fria. “Hoje a gente tem essa comida aqui feita por causa da água, né. Porque se não tivesse ela, não lavava uma vasilha, não fazia uma comida, porque todas as comidas precisam da água. Toda coisa, né, que a gente se usa. A coisa mais preciosa é esse rio”. Descemos para conhecer o rio, Maria levou um lençol para fazer as fotos. “Tem vez que a gente vai pro rio, a gente chega ali com aquela tristeza, né. Essa coisa que está cansada. Já tive isso também. Aí eu fico ali pensando em entrar nela, tem hora que ela tá até friinha, né. Aí eu fico ali, coloco o pezinho lá nela. Primeiro molhando os pés pra poder entrar nela. ‘Ô, minha linda, cê tá tão gelada’. Ela fica olhando pra mim”, ela ri. “Ela fica me ouvindo”.

No *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, Riobaldo descreve a Carinhanha como um rio “quase preto, muito imponente, comprido e povooso”. O geógrafo Gabriel Oliveira vê um tom de mistério na menção ao rio, por ser uma das últimas referências geográficas envolvidas na travessia do bando de jagunços pelo Liso do Sussuarão – o deserto que “não concedia passagem a gente viva, era o raso pior havente, era um escampo dos infernos”. Rosa situa a Serra das Araras, o Vão dos Buracos, o rio dos Bois, o Pandeiros. Mas nos limites do rio Carinhanha, é como se ele entrasse em um mundo meio imaginário, um deserto fora da realidade”, Gabriel elucubra, sobrepondo a realidade da geografia à ficção do escritor.

Em seu relato, Riobaldo narra duas travessias do Liso, rumo aos fundões da Bahia. A primeira, sob o comando de Medeiro Vaz, é descrita como um pesadelo – “pesadêlo mesmo, de delírios”. À medida que os jagunços adentravam o raso, toda a sorte de vida ia minguando: acabavam-se as mangabaranas e mangabeirinhas, o capimzal, o sapé brabo. De animais, nem os excrementos.

Foto: Kika Antunes

A Carinhanha corre farta nos fundos da casa de João de Alta, no Assentamento Rio dos Bois



Era o “miôlo mal do sertão”, o silêncio e o sol castigando os corpos exaustos dos homens. Já a segunda travessia foi liderada por ele mesmo, Riobaldo, então Urutú-Branco. Dessa vez, o bando concluiu a missão “sem os mais notáveis sofrimentos”. O caminho se economizou: o céu enuvou, encontraram veados gordos, zum de abelha, folhagens, água. Em nove dias, o bando saía do Liso quase ileso, atravessando o Alto Carinhanha.

No mundo físico, a Carinhanha acompanha a divisa dos estados de Minas e Bahia por um bom pedaço do mapa, até desaguar no São Francisco, na altura da cidade baiana de Malhada. Localizado à margem esquerda do Velho Chico, é um dos afluentes mais relevantes da bacia. “Dos rios próximos, Japoré, Itacarambi, ele tem uma característica diferenciada, que é justamente a quantidade de água disponível”, explica Fábio Figueiredo, professor do Instituto de Ciências Agrárias da UFMG. É um colaborador direto para a vazão do São Francisco, principalmente em suas lagoas marginais, que são importantes espaços de procriação das espécies de peixes da bacia.

Além disso, ela alimenta o Aquífero Urucuia, um dos mais importantes do Brasil. Aquíferos são como massas de água subterrânea, que podem ser contínuas ou fragmentadas, mas são sempre abastecidas pela chuva. Como explica Cláudio Pereira, “a chuva cai, infiltra no solo, recarrega o aquífero. Daí surgem as nascentes, que alimentam constantemente os rios que formam a bacia hidrográfica”. Cláudio é morador da comunidade quilombola de Lagoa das Piranhas, em Bom Jesus da Lapa, e coordenou a Câmara Consultiva Regional do Médio São Francisco (órgão do Comitê de Bacia Hidrográfica do São Francisco) até o ano de 2016. Ele esclarece que, para que a bacia esteja em equilíbrio, as chamadas áreas de recarga devem estar protegidas, possibilitando a infiltração da água e a recomposição do ciclo.

**D**a Estiva ao dos Bois, quando vão falar do rio, as pessoas dizem “ela”, “a Carinhanha”, no gênero feminino. Perguntei a Maria de João de Alta por quê. “É porque sempre a gente trata assim, né. Dizendo, a gente. Agora eu não sei se é certo ou se é errado. Mas é ‘ela’, mesmo”, ela garante. “Ali mesmo do lado da Bahia tem um rio, um Jataí, chama Jataí, né. Quando eu entendia por gente o nome dele já era esse. Tem a Onça, que cai na Carinhanha também. Tem a Estiva aqui. Lá embaixo tem o Boi. E lá pro rumo da Bahia tem aquele Itaguari também, que também

derrama na Carinhanha. É um rio bastante grande”. Maria explica que o nome do rio, no feminino, puxa todos os artigos para concordar com ele – ou com ela, no caso.

Aleixo Feliciano Souza, morador dos Patos, alguns quilômetros rio abaixo, tem uma tese diferente. “Nossa língua não é assim igual cês solettram!”, ele argumenta. “Então fala ‘a Carinhanha’, outra hora fala ‘o rio’”. De fala rápida, Aleixo é uma liderança na comunidade: foi ele quem articulou o plano para trazer luz elétrica para o povoado. É também o guardião da biblioteca comunitária, diante da qual posa para foto sem muita cerimônia. Patos pertence a Januária, mas está mais próxima da sede de Chapada Gaúcha. Nos arredores, todas as comunidades são banhadas por afluentes da Carinhanha. “Aqui nós somos 130 famílias. Todo mundo é servido desse rio, o Carinhanha. Mas nessas comunidades tudo tem um córrego. Tem o Pardo, tem o córrego Suçuarana, tem o córrego Jardim, que vocês vão passar. Tem o córrego Angical”, ele descreve. “Então, esses rios vêm tudo lá de fora pra jogar dentro dele. Eles cai tudo dentro dele aí, na Carinhanha”. Nos Patos, o gênero do rio começa a ganhar uma ambivalência diadorina: Aleixo oscila o tempo todo entre o feminino e o masculino.

Aos 63 anos, ele lembra das feras do rio, os bichos brutos que povoaram sua infância. “Naqueles tempos ele era um rio muito forte de água. Tinha toda natureza, assim, de criação, de coisas brutas, do mato. Tinha o jacaré. A gente via na beira no rio, eles faziam aqueles ninhos de folha. A gente passava na beira do rio, via aquele montão de folha. ‘É pra quê que é isso?’. Aí mãe falava com nós, ‘isso é o ninho do jacaré, menino, encosta lá não, que senão eles correm atrás d’ocê’. Mas mesmo assim a gente ainda ia atentar lá pra ver”, ele conta. E via? “Via. O ovo dele é a mesma coisa do ovo de galinha. Tem aqueles ovão grandão, aqueles ovão grande. A gente ia lá com um pau, empurrava e ele ficava lá fora olhando, lá. Ia devagarzinho, devagarzinho, até conseguir arribar. Aí puxava o ovo ali pra fora. E ele ficava lá”.

Aleixo conta, não sem contrariedade, que seus filhos já não conhecem esses bichos. “Hoje cê passa aí, no lugar que você via as matas, cê via muita coisa aí da cultura, assim, dos bicho bruto e não vê mais. Porque limparam tudo, a beira do rio ficou limpa. Não tem mais remanso, que remanseia a água. A Carinhanha virou praia”, ele constata. “Naquele tempo, tinha a fera que a gente falava, aquela outra bichinha que era muito tarasca, a lontra. Hoje você não vê mais. A lontra, ela chamava de atacamento, a mãe não

deixava banhar no rio, porque ela atacava a gente. Uns chamam a lontra, e outros chamam uma tal de jaquatiri. Ela é valente, ela tem um papo amarelo e tal. Às vezes a gente tava na beira do rio banhando, batendo, ela pensava que era outro coisa, um peixo, uma coisa assim, e aí ela vinha pra atacar. E a gente corria dela”.

Em um salto rio abaixo, na comunidade de Salobro, Antônio da Silva Gramacho também conta como as feras que já encontrou na beira da Carinhanha foram ficando raras com o passar dos anos. “Se eu falar que tinha onça aqui, quero ver quem vai acreditar. Eu quero ver esse jovem aqui de dez anos pra cá dizer que conhece um gambá”, desafia o Vêi, como é chamado pelos netos. Reunidas em roda debaixo de um pé de manga, diferentes gerações da família Gramacho nos receberam com peta, cafezinho e suco de tamarindo. Salobro pertence ao município de Côcos, na Bahia. Atravessada pela Carinhanha, divide-se em Salobro

mineiro e Salobro baiano. Tem um jeito de roça próspera, árvores verdinhas, criações bem engordadas, pequenas rodas d’água acompanhando o leito do rio. Analdina Rosa Gramacho é a matriarca da comunidade. “A gente dorme e acorda, parece que tá sonhando com o rio”. Dina, como ela se apresenta, explica que a vida produtiva por ali gira mesmo em torno da Carinhanha: é com a benção dessa água que as famílias criam gado, produzem farinha, rapadura, feijão.

Tiago Gramacho da Silva tem pouco mais de 20 anos e já é uma liderança local. Frequenta reuniões do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) e mora na cidade – mas não falta aos encontros de domingo, entre celebrações religiosas, reuniões de mobilização política e o namorico com a prima, que acontecem todos ali mesmo, debaixo do pé de manga. Mesmo jovem, ele diz que o rio

Foto: Kika Antunes

Por boa parte de seu leito o rio Carinhanha divide os estados de Minas Gerais e Bahia. É um dos afluentes mais importantes da margem esquerda do São Francisco.



já não é o mesmo de sua infância, onde todos os primos aprenderam a nadar. “Tio Beto era o mestre”, ele conta, entre risadas dos outros tios e tias. Beto explica o método: “A gente levava eles na correnteza e soltava. Aí deixava eles lá, os meninos iam mergulhando, meio afogando – mas eu acompanhava. Se precisasse, eu tirava. Umas duas ou três vezes, já tava sabendo nadar”. Thiago certifica: “Que aprendia, aprendia!”.

Banhar na Carinhanha sempre foi a grande alegria das crianças. Tantas brincadeiras giravam em torno do rio, algarazarras molhadas e barulhentas que a família relembrou naquela tarde. “Tinha uma brincadeira também de galinha d’água. Pegava uma pedrinha, ficava cá de fora aquele monte e falava umas coisas. Jogava essa pedra na água, agora mergulhava tudo pra rancar. Quem pegasse a pedra, comia a galinha”, rememorou Maria Neto Gramacho Silva, a Neta. Antônio também recuperou algumas memórias: “No meu tempo, a gente atirava capivara. Juntava uma turmona, de uns oito ou dez, ficava lá no ponto. Os de lá faziam de conta que eram as capivara. Os de cá, de fora, atiravam. Quando um atirava, fazia ‘pá!’, aí os de lá pulavam tudo dentro d’água e os de cá iam dar a carreira pra pegar”. “Até eu criança, eu lembro, eu e meus primos aqui, a brincadeira nossa no rio era Leu, era mergulhar”. Thiago conta de uma espécie de pega-pega dentro d’água. “O leu era o seguinte: um era a tóda, que chamava e os outros falavam ‘leu!’. Tóda é aquela que tem que pegar o outro pra passar. Cê pegou, a outra pessoa vai ser a tóda e agora você vai estar junto com os outros correndo”, ele explica. A brincadeira ficava mais difícil (e mais interessante, é claro) em tempo de chuva, quando a água do rio descia barrenta, tornando o rio um sem fim de esconderijos.

Em Salobro, já perto de sua foz, a Carinhanha torna-se “ele”. A ambiguidade parece percorrer a Carinhanha em vários sentidos. Rio macho e rio fêmea, Minas e Bahia. O meio do rio. Por essas bandas, o artigo feminino é guardado para a cidade que ganha seu nome, já depois do encontro com o São Francisco. Hoje com pouco mais de 30 mil habitantes, Carinhanha tornou-se município no início do século XX. O casario à beira do Velho Chico traz memórias do tempo em que a cidade era referência regional, ponto de parada dos grandes vapores e da finada linha aérea Petrolina - Salvador, operada pela Varig. O nome mesmo vem do rio. Diz-se de uma junção entre um tal peixe Cari, um dos nomes que recebe o popular Cascudo, com a ariranha, parente da tarasca lontra – ambas espécies que habi-

taram o rio. Outra história remonta à possível tradução da expressão “loca de sapo”, em uma das línguas indígenas dos povos que ocuparam a região.

**A**s oito da manhã, a banca de pescadores na feira de Carinhanha já estava em polvorosa. Um motoqueiro encostou no passeio, dirigindo-se a um dos homens que limpava os peixes. “Ô Dão, aí tem surubim?”. Quem responde é João Pereira Leite, o Dãozinho: “Tem não, Leo Albino!”. “E Caranha?”, o outro insiste. “Só Curimatã!”. “Ah, pescador não quer pescar mais!”, ligando o carburador da moto. “Ô, se a vontade fosse...”. Dãozinho não pesca – compra o peixe dos companheiros e revende na feira. “São diferentes, os peixes do Carinhanha e do São Francisco”, ele explica, enquanto descama um peixão cinzento de olhos esbugalhados. “A cor da escama do rio Carinhanha, ela é mais escura. Porque no rio São Francisco a água é barrenta, né. São as mesmas espécies, mas o peixe é diferente”. Dão comenta que antigamente a região ostentava uma grande diversidade de espécies de peixes. Dourado, Surubim, Pacu, Curimatã, Matrinxã, Piau verdadeiro, Traíra. Mas quem mora por aqui percebe que eles vêm minguando, tanto na quantidade, quanto no tamanho.

“Óia lá, o remeiro!”, alguém apontou. Feliciano Rodrigues dos Santos passava de bicicleta, comprido e boa praça. Hoje com 69 anos, Fissu remou a vida toda, no São Francisco, na Carinhanha. “De primeira a gente tinha aquelas Curimatázone, assim, do tamanho da gente. Já peguei foi muitos. Hoje em dia cê vê só essas bichinha desse tamanho”, abre um espaço de 10 centímetros entre as mãos grandes. “Faz até dó pegar”. O relato lembra a fala de Aleixo, que nunca foi pescador, mas também viu diminuir o peixe da Carinhanha: “Naquele tempo que tinha rio bastante, água bastante, eu tinha prazer de ir na beira do rio pra ver os peixes. Tinha aqueles peixão maravilhoso”, relembra. “Mês de agosto a gente via aquele surubimzão na beira do rio, assim. A gente caçava um pau pra triscar nele só pra ver aquele bichão viajando”, ele ri.

É claro que não é só o peixe que vem diminuindo. Margendo a Carinhanha desde o alto, fica evidente a percepção das comunidades em relação ao rio: ele está secando. Na cabeceira, Maria de João de Alta percebe o contraste com outros tempos. “Esses anos atrás a Carinhanha não mostrava o fundo que nem tá hoje. Era bastante água, chovia muito, era muito cheia. Essa fonte nossa aqui era

um porão. Era água mesmo, que a gente tinha até medo de encostar. Já hoje, minha filha, tá tão rasiinha”, ela lamenta. A diminuição do volume de chuvas na região, como ela aponta, está diretamente ligada à redução da vazão do rio. Flávio localiza esse cenário em um horizonte de curto prazo: “Nesses últimos cinco, seis anos, nós observamos um grande déficit hídrico, em função das precipitações baixas”, ele explica. Sem água da chuva, acontece um processo de desidratação subterrânea: se a caixa d’água, que é o aquífero, não é abastecida, vai faltar água na torneira – o leito do rio.

A baixa precipitação pode estar relacionada à lida hegemônica com o Cerrado na região – destruição para o plantio de monocultura. “Hoje o povo faz tudo quanto é desmato na beira dela, aí, sai desmatando por um lado e por outro. É desmato, mesmo, que o povo faz pra plantar capim, pra criar gado”, acusa Aleixo, referindo-se à vizinha Chapada Gaúcha. “A vegetação era importante para a evapotranspiração [o processo de evaporação de água do solo e das plantas, fundamental para o ciclo da água]”, Claudio pontua. Além disso, “quando o solo fica descoberto, ele acaba sendo compactado, o que dificulta a capacidade de absorção da água”, explica. É como diz Aleixo: “A madeira, ela é um tal que preserva a natureza da água”. Com a retirada da cobertura vegetal, o potencial de absorção e colaboração da região para gerar chuva é reduzido. “Explora-se muito mais do que a capacidade de absorção do aquífero e de abastecimento do rio, contribuindo para que o processo de chuvas e recargas possa se desequilibrar”, Claudio retoma. A equação é simples. Sem Cerrado, não tem chuva. Sem chuva, não tem rio. O desmatamento leva ainda ao assoreamento, que é o acúmulo de sedimentos no leito do rio, formando grandes bancos de areia que alteram o escoamento natural do curso d’água. Além do desequilíbrio ecológico, ele lembra que esse é o cenário em que explodem conflitos constantes, prejudicando ribeirinhos, geraizeiros, quilombolas e indígenas.

Rio abaixo, nos arredores de Salobro, não é diferente. Dina descreve a angústia de ver a água da Carinhanha baixar: “Esse rio aqui, a gente travessava ele ali no maior sofrimento de travessar, porque era muito fundo. Quando foi casar o meu primeiro neto, que é filho de Manuel, ali, foram travessar a madeira aqui no carro de boi. Carro de boi entrou de lá cantando e saiu de cá, e eu abri a boca no mundo chorando. Pra mim aquilo foi um fim de mundo. Eu ver o carro travessar o rio”, ela relembra. “E hoje ali travessa carro de mandioca, carro de gente, trator, tudo aí, ó.

Rasiinho, a água assim, ó”. Ali, o impacto vem das grandes fazendas vizinhas, produtoras de café e tabaco. Antes do rio chegar na comunidade, grandes pivôs trazem a água para alimentar as extensas faixas de monocultivo. Thiago conta que isso acontece tanto na Carinhanha, como em seus afluentes, o Riacho do Meio e o Itaguari. “Ouvi de um companheiro há um tempo atrás que a meta [de uma das fazendas] seria aumentar 40 pivôs por ano durante 10 anos, chegando ao total de 400 pivôs”, revela. “Até pra isso, eles não sabiam se a água desses três rios ia conseguir abastecer a quantidade de pivôs”.

A Carinhanha resiste ainda, já há alguns anos, à ameaça da construção de pequenas centrais hidrelétricas (PCHs) em seu leito. Salobro é um dos focos da resistência. “Graças a Deus e aos companheiros e às lutas da gente que até hoje ainda não tem”, Dina reconhece. “A gente vem lutando e andando pr’esse mundo afora e pelegando e pegando com tudo quanto é santo pra Deus ajudar que nunca vai ter uma barragem. Porque se o rio está desse jeito aí e faz uma barragem, o que é que nós vamos fazer?”, ela questiona. É comum que um mesmo rio seja alvo de diversos projetos de pequenas centrais hidrelétricas (como é o caso da Carinhanha), gerando um impacto cumulativo para a bacia. A avaliação do IBAMA, no entanto, contempla cada projeto individualmente. Além disso, em boa parte dos casos de instalação de PCHs, não há uma mensuração real da relação custo-benefício entre a efetiva geração de energia e o impacto socioambiental. Dada a força do setor energético no país, a balança sempre pende para o discurso desenvolvimentista.

**A** imagem árida da Carinhanha convertida em barragem ou devorada pelos pivôs faz retomar a descrição da passagem dos medeiros-vazes pelo misterioso Liso do Sussuarão. “Dá pra pensar que o Guimarães foi meio vidente de pensar nesse lugar como um deserto. Não tem deserto nenhum por ali. Mas talvez, com tanta monocultura, a região vá ficando mesmo com essa cara do Liso”, Gabriel matuta. Mas desdiz na sequência: “Se bem que foram duas travessias diferentes, né”. A ambiguidade, mais uma vez. Pensando na segunda empreitada do bando, concluída “de melhor em bom”, o geógrafo arrisca um novo palpite, mais esperançoso. “A forma da paisagem ali é simbólica. Talvez tenha mais a ver com esse jeito de lidar”, ele reflete. “Qual é nosso espírito para atravessar as coisas?”. Se depender de dona Dina, ainda corre muita água antes do rio secar. “Eu

acho que ele [o Carinhanha] tá ensinando nós encorajar, ter coragem”, ela afirma.

Não é que não haja alternativas. A imposição de legislação mais equilibrada, por exemplo, é uma forma de manter a vida produtiva que se alimenta da Carinhanha e de conter, ao mesmo tempo, a exploração desenfreada e desproporcional dos recursos hídricos. “É preciso entender a dimensão da bacia, que se fundamenta na viabilidade do aquífero. Não tratar apenas da torneira, mas da caixa d’água, pensando na recarga do aquífero”, argumenta Cláudio. “Tem que equilibrar a dimensão da produção, da exploração. Quanto posso produzir no Cerrado para que não traga um impacto de grandes dimensões para os mananciais?”. Nesse sentido, é fundamental que as outorgas de direito de uso da água sejam emitidas de forma percentual, considerando o equilíbrio da bacia como um todo. De qualquer forma, isso envolve “mexer nesse vespeiro que é a questão de apostar na monocultura como forma de equilibrar a balança do país”. Uma travessia espinhosa, mas necessária.

Foto: Kika Antunes  
A Carinhanha é uma das últimas referências geográficas que precedem à travessia do Liso do Sussuarão, em *Grande Sertão: Veredas*.



# SOBRE PEDRAS E MONSTROS

GABRIEL OLIVEIRA E PAULO JUNIOR

**E**m *Genealogia da Ferocidade*<sup>1</sup>, o escritor e ensaísta Silviano Santiago vislumbra o livro *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa como um rochedo que despenca do alto da montanha. Um tombo! Ao mesmo tempo distraída e enfurecida, a pedra rola para esborrachar e arrasar os trilhos por onde sacolejava o trenzinho caipira da literatura brasileira. A metáfora da pedra em queda livre produz o efeito de estraçalhar sobretudo a crítica literária que ao longo dos anos tentou domesticar o “monstro literário de Rosa”, segundo Santiago.

*Gerais da Pedra*<sup>2</sup>, documentário rodado em janeiro e fevereiro de 2017, por sua vez, propôs interagir com o monstro rosiano, solto!, em pleno habitat geraizeiro. Para dar também o nosso próprio empurrãozinho no rochedo e vê-lo desabar deslumbrante pelo penhasco, o desejo latente para a realização do filme foi misturar a literatura rosiana com a realidade do sertão contemporâneo. E, se é quase irresponsável mexer com monstros ou catapultar pedras barranco abaixo, o que seria dizer, viver, viajar e filmar perigosamente pelo sertão mineiro guiado pelas neblinas de Diadorim, a fascinante personagem de *Grande Sertão: Veredas*?

\* \* \*

“Diadorim... Diadorim...” é o que Riobaldo, o narrador do *Grande Sertão*, entoa, encantado, nas margens das lagoas do Córrego Mucambo, logo quando o amigo Reinaldo

revela aquela “apelidação”. Riobaldo pejeja, dilacera, vive, cambaleia em todos os redemoinhos do sertão guardando consigo a miragem de um nome em segredo. “Que é que é um nome? Nome não dá: nome recebe”. Dindurinh’, “feito fosse o nome de um pássaro”. Diadorim, Diadorim... *diá* do Diabo, *deá* de Deus? *Deá* de adorar, deadorar, deamar, ou *diá* do ódio, de odiar? Mire e veja ainda a terminação do nome sugando o *im* do indeterminado, da imprecisão de gênero, da ambiguidade<sup>3</sup>.

Na busca por Diadorim ou por sua “genealogia” – para aproveitarmos o termo de Silviano Santiago – a travessia de *Gerais da Pedra* procurou cartografar por cima e por dentro do mapa o fluxo de vida, amor e morte de Diadorim pelos gerais.

## diadorim e cinema: morte, amor, nascimento

**G***erais da Pedra* foi pensado em três partes, recortadas de acordo com a vida de Diadorim em *Grande Sertão: Veredas*. O documentário diz dos desdobramentos, reverberações e interpretações da história da personagem-mito, alvo da paixão e cumplicidade de Riobaldo, o jagunço que conta sua história, em forma de monólogo, na obra máxima de Rosa.

O primeiro ato do filme se passa em Paredão de Minas, onde a personagem morre em luta com o pactário Hermógenes. Aqui, a morte é o tema central, e o plano fechado das entrevistas conecta-se ao silêncio, ao vazio, à escuridão, ao esvaziamento demográfico. O olhar se expande um pouco



Foto: Diego Zanotti

“Quando a gente morre de véio e não aprende tudo”. Uma travessia com Seu Joaquim no Gerais de Gameleiras.

mais no segundo ato. O fôlego ressurge, o coração procura por mais luz e o amor revela-se no encontro dos rios, nos reencontros das paixões, em passeios de barco no Rio das Velhas, em conversas de família engrenadas pela paixão de pequenas coisas que também são do tamanho do mundo, tudo isso diante do cenário dos encontros entre Riobaldo e Diadorim. O terceiro ato se encerra na cidade de Itacambira, incrustada na enigmática Serra do Espinhaço, onde Diadorim teria sido batizada. Ao invés de fechar o ciclo, o ponto de vista da narrativa faz a câmera dançar junto com a paisagem, descontrolando e acirrando ainda mais o contato entre o chão e o imaginário, o real e o fictício, o material e o metafísico, o determinado e o indeterminado. Diadorim chora como um bebê, berra misturando suas lágrimas com as histórias de parteiras do sertão, de nascimento, de batismo.

Ao final dessas três partes, o enredo chega ao nascimento de Diadorim para remeter à vida: a literatura que encarna, que reverbera, que não se fecha em si, que vai para a boca das pessoas, segue no cotidiano e no imaginário, nas prosas

e no mito em permanente construção. A linearidade da vida da personagem é desarranjada pela inversão da tríade morte – amor – nascimento. Desarranjo que quer abrir o Grande Sertão para novas tramas e narrativas, para o parto onde a linguagem documentária pode fazer falar e dar vida aos gerais.

A pedra (dos gerais) é justamente o rastro da história cravada ou submersa de um grande sertão rosiano inventado a cada dia, porque a rotina, ela própria, não suporta. A pedra é a linha condutora da narrativa – pesada, densa, mas que também se esfarela, dissolve na paisagem, é a história que carregamos todos os dias, é o nosso próprio peso. Cada vez que uma pedra desaba da montanha, um monstro se liberta e pode enfim perambular por aí aberto aos encantos dos encontros, como quem pega um carro com o mapa do sertão de Minas no porta-luvas e a câmera no banco de trás, com a potência do desejo no pé direito do acelerador.



Foto: Diego Zanotti

A pedra, o rastro da história cravada de um grande sertão inventado a cada dia. Gilmar, Paredão de Minas.

## Encantamento e sertão

Nos gerais de Lassance, calor de perder de vista, saímos todas as manhãs do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que gentilmente nos acolheu, para cortar a cidade atrás de histórias e rastros de Diadorim, de Riobaldo, desse Grande Sertão vivido, inventado.

Em uma loja de produtos do campo, coisa de poucos passos da prefeitura, trabalha um jovem sério, bem vestido, rigorosamente ereto e com poucas palavras. Estávamos há dias tentando entender o que afinal seria o chamado “os porcos” onde Diadorim teria passado sua infância antes de conhecer o outro menino no porto do rio de Janeiro, próximo à barra com o São Francisco. Conversando com alguns moradores do município, várias versões brotaram: um dizia que o Córrego d’os Porcos era na verdade a Cachoeira dos Porcos, ainda nos primeiros degraus da Serra do Cabral; outro descreditava daquele lugar, que rio com nome de porcos nunca existira; e um terceiro contestava a informação oficial que tínhamos no mapa, do Ribeirão “Os Porcos” desaguando no Rio São Francisco já distante dali,

no município de Várzea da Palma: “por ali cês vão encontrar é só toco de eucalipto”. Mas o último informante, o vendedor da loja de Lassance que nos recebeu com a firmeza de quem atende um cliente apressado, tinha uma razão a mais para se afetar com nossa pergunta, mesmo que reticente no início. Ele era filho do Hudson, o proprietário da fazenda Santa Rita, no meio do miolo dos gerais. A sobriedade do local logo virou o tom, tornou-se perplexidade da nossa parte, quando ele afirmou em acento familiar: “ah é, Diadorim passou a infância lá em casa”. Imaginamos os dois brincando junto com os cavalos, o estilingue já armado, a arapuça, correndo para alcançar o barco antes do outro. Voamos longe, para outros absurdos. Você acha que a gente consegue chegar até lá e conversar com seu pai? Com esse carro? É extremamente baixo, não aguenta. Mas fomos...

“Então ele foi me dizendo, com voz muito natural, que aquele comprador era o tio dele, e que moravam num lugar chamado Os-Porcos, meio-mundo diverso, onde não tinha nascido. Aquilo ia dizendo, e era um menino bonito, claro, com a testa alta e os olhos aos-grandes, verdes. Muito tempo mais tarde foi que eu soube que esse lugarim Os-Porcos existe de se ver, menos longe daqui, nos gerais de

Lassance.” – do carro, na estrada de chão, seguimos viagem acompanhados pela lembrança do jagunço.

Seu Hudson nos recebe encarando a montanha, fascinado com o tombo da pedra que despenca com a história de Riobaldo e Diadorim. O professor aposentado é um encantado pelo monstro rosiano. Câmera, lente, gravador e microfone não falam, mas ali é como se o próprio filme gritasse: “é isso!”. Estávamos diante do nosso personagem-síntese, do dia mais *Gerai da Pedra* de nossas vidas. Se é que ainda havia dúvida, não tinha mais volta. Nosso Grande Sertão forjado virava cinema no seio do mito Diadorim.

Nossa conversa, inevitavelmente, reproduz o contraste entre realidade e ficção tão presente nas análises das obras de Rosa (que o digam aqueles que rodam atrás do Liso do Sussuarão, locação icônica das andanças do bando de jagunços). Hudson vai ao limite, tem hipóteses, desconfia, estuda, mas se deixa levar. A conclusão dele é que Rosa deve ter visto a fazenda grande, cheia de gado, de gente, de porcos, “só quem viu pode descrever o que era de porco descendo esse cerrado aí”. Reforça que a Fazenda Santa Rita foi passada de tio para sobrinho, porque os fundadores não tiveram prole, assim como Diadorim vivia na fazenda com o tio. Também que o local tem a igreja mais velha da região, o que pode ter chamado a atenção do escritor. Mas diz tudo isso para depois cravar que o *Grande Sertão: Veredas* é uma trama inventada. E muda de ideia: “Então tudo leva a gente a crer que Diadorim cresceu aqui”. Mergulha na história, conversa com aqueles três estranhos mediado pela literatura. Chega a chorar. “Eu imagino às vezes [Diadorim vivendo na fazenda] e até me emociono. Embora seja ficção”.

Real ou inventado, ficção ou relato verídico, mapa ou sequência de nomes aleatórios, isso não importa. Aliás, vale reforçar: *Gerai da Pedra* propõe escapar de uma busca pela verdade. Como ensinou o mestre cineasta Eduardo Coutinho, “a minha hipótese é a de que o documentário não forçosamente informa e muito menos educa. O documentário tem que deixar as coisas abertas para que o público pense. E, portanto, eu não estou à procura da verdade, eu estou à procura do imaginário das pessoas”<sup>4</sup>.

E haveria de ter coisa mais relevante que o imaginário de seu Hudson? Será que a fazenda existiria se o dono não fosse afetado pela literatura do Rosa? Lá, o próprio define a rotina como de uma “roça romântica”, sem eucalipto, com gado criado com baixa lotação, enfrentando os rigores da seca com rentabilidade e produtividade baixas. Que seria, não fosse tocado pelo monólogo de Riobaldo?

Já é fim de tarde e a gente vai se despedindo com o ouvido ligado numa última conversa entre seu Hudson e a esposa, que, veja só, é chamada pelo companheiro de Maria Deadorina. Afinal, tudo isso existiu? Um jagunço resolveu contar a própria vida, oras. Soltou o monstro, que naquele começo de noite de horário de verão entrou pela janela do carro de Daniel, o motorista que a Prefeitura ofereceu para nos guiar num carro que vencesse os quebra-molas até o quintal da criança que cresceu nos gerais de Lassance: “É uma história muito bonita”, ele disse, no breu da estrada de chão.

Maria Deadorina, tímida, não quis gravar entrevistas. Prometemos voltar um dia, quem sabe em seu aniversário, e seguimos atrás da pia batismal onde ela, menina, tomou o primeiro banho ao pé da Serra do Espinhaço.

\*\*\*

1. *Gerai da Pedra* é um filme de Gabriel Oliveira, Paulo Junior e Diego Zanotti, que viajaram por mais de um mês na região do norte mineiro no início de 2017. Feito com recursos próprios, o documentário está em fase de finalização e tem previsão de lançamento em 2018.

2. O ensaio de Silviano Santiago foi originalmente escrito como prefácio para a edição venezuelana de *Grande Sertão: Veredas*.

3. As significações e essências do nome de Diadorim foram extraídas inicialmente dos trabalhos de Ana Maria Machado, “O Nome Perpetual”, em *Recado do Nome – Leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*; e ainda de José Carlos Garbublio, “O Mundo dos Duplos”, em *O Mundo Movente de Guimarães Rosa*.

4. A frase de Eduardo Coutinho foi retirada de entrevista à Revista Sinopse, n. 2, ano 1, dezembro de 1999, presente no livro *Eduardo Coutinho*, de Milton Ohata (org.).

# TODO VERSO QUE EU RECITO

ADEIR VINICIUS SEIXAS DA ROCHA

## VIOLEIROS

O velho foi muito honrado  
Com todo o talento que tinha  
Os filhos maravilhados  
Com tudo aquilo convinha

O velho ponhava o terreiro  
Com a viola e os filhos alegrava  
E os filhos tradicionais  
Ouviam o que o velho tocava

Ponteados e mais ponteados  
O velhinho executava  
E todos em volta, curiosos  
Permanentemente só olhavam

De repente, com carinho  
A viola entregava  
“Pega a viola, é assim”  
E logo já ensinava



Todos filhos aprendiam  
Se tornavam violeiros  
E a vida assim seguia  
Moradia de seresteiros

A viola é uma arte  
Que manda a tristeza embora  
Somente quem não conhece  
Fala mal da viola

Passa de pai para filhos  
De geração para geração  
Parabéns, violeiros  
Artistas do meu sertão

### **MENINA VEREDAS**

Princesas do meu Cerrado  
Lindas como flor do campo  
Perfumando orvalho das madrugadas  
O frio cobre com seu manto

Tens beijo sabor de mel  
Do mel mais puro natural  
Vestida de primavera  
Com estampas de orquídeas

Como veredas tranquilas  
Vivem a manter os riozinhos  
Como aves no acasalamento  
Amam e constroem seus ninhos

Noivas do Cerrado  
Colchões da sobrevivência  
Agredidas e asfixiadas  
Pela falta de consciência

Torrente de amores tais  
Verdes, lírios e rosas  
Reações sobrenaturais  
Talvez áruas, sendo meigas e formosas

Vivam as veredas  
Seus equilíbrios reais  
Afogadas por labaredas  
Ouço seus ecos fatais

Não possamos te despir  
Mas dentro do teu abraço estamos  
Sentimos, tristes também aqui  
Mas veredas, te amamos... Te amamos

Foto: Kika Antunes



# ÁGUA, ESPELHO DE BURITI

ENSAIO FOTOGRÁFICO: KIKA ANTUNES

TRECHOS: GUIMARÃES ROSA  
*GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

... MEU RIO DE SÃO FRANCISCO, NESSA MAIOR TURVAÇÃO: vim te dar um gole  
d'água, mas pedir tua benção...



**perto de muita água, tudo é feliz.**



**pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é: a coragem minha. buriti quer  
todo azul, e não se aparta de sua água – carece de espelho.**





**E como cada vereda, quando  
beirávamos, por seu resfriado,  
acitava para a gente um fino  
sossego sem notícia – todo buritizal  
e florestal: ramagem e amar em água.**





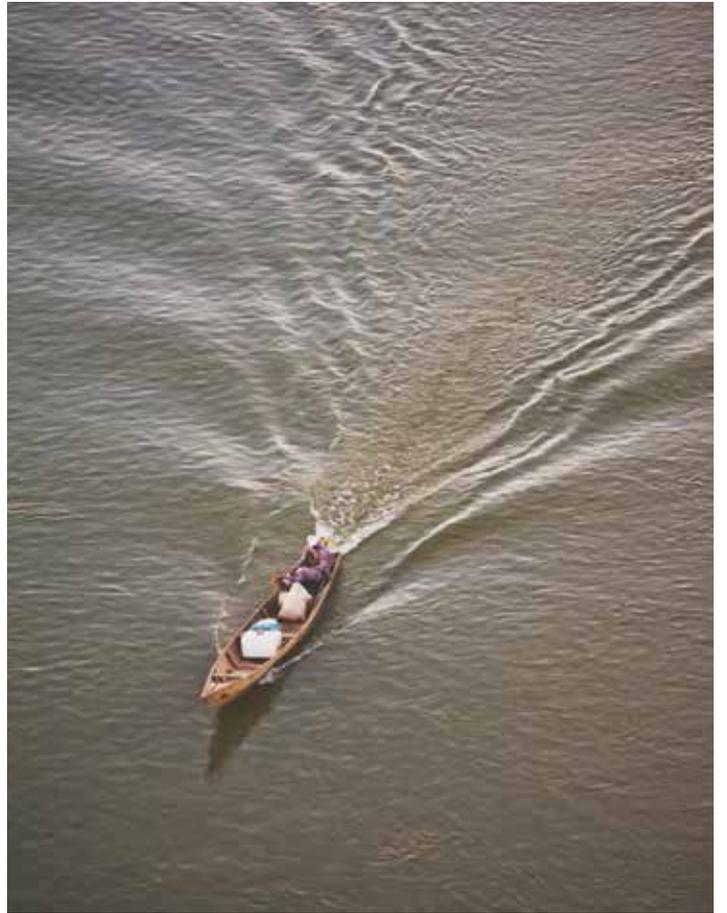
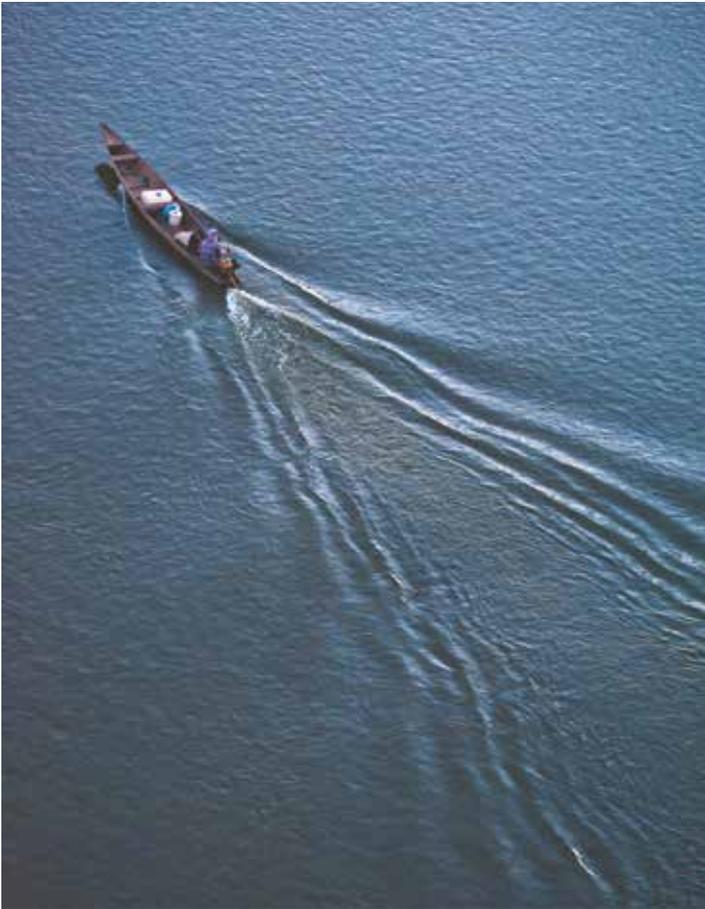


**o senhor vê: existe cachoeira; e  
pois? Mas cachoeira é barranco  
de chão, e água se caindo por ele,  
retombando; o senhor consome essa  
água, ou desfaz o barranco, sobra  
cachoeira alguma? viver é negócio  
muito perigoso...**



**E seguimos o corgo que tira da Lagoa Suçuarana, e que recebe o do Jenipapo e a vereda-do-vitorino, e que verte no rio Pandeiros – esse tem cachoeiras que cantam, e é d'água tão tinto, que papagaio voa por cima e gritam, sem acordo: – É verde! É azul! É verde! É verde!...**





# PLANTADORES DE ÁGUAS

DAMIANA CAMPOS E MARCELA BERTELLI

O Cerrado é uma de nossas matrizes ambientais mais antigas, considerado como um sistema biogeográfico que envolve vários subsistemas. Ele se diferencia por seus solos, plantas, pela quantidade de água nos lençóis freáticos, pelas comunidades de animais. Em especial, é reconhecido como o “berço das águas”, cumeeira do continente, alimentando grandes bacias hidrográficas na América do Sul. É a grande casa das águas, concentrando nascentes que abastecem oito das doze grandes bacias brasileiras. A região abriga os três importantes aquíferos Urucuaia, Guarani e Bambuí.

Quando pensamos no Cerrado, somos remetidos à imagem da casa, habitat de humanos e não humanos, ambiente de maior respeito e guarda. O chão desta casa é responsável pelo alimento que nutre os aquíferos, as águas subterrâneas que percorrem os chapadões e rebrotam em nascentes, formando novas águas. Para alimentar os lençóis mais profundos, é necessária a vegetação, em especial as plantas nativas, afirma o professor Altair Sales Barbosa.<sup>1</sup> Diferentemente da Amazônia, as árvores do Cerrado crescem num tempo maior e suas raízes precisam ser mais profundas. Cada árvore necessita crescer pelo menos 7 metros para baixo da terra para alcançar as águas subterrâneas. Não há discordância em pensar que são das áreas de Chapada as maiores fontes de alimento dessas águas.

De acordo com o analista ambiental e pesquisador Walter Viana, a região do Peruaçu sofre com a seca dos rios e o mal uso das águas, como a falta de controle de poços tubulares e de outorgas, mesmo as já liberadas. O que existe, afirma, é a crença de que basta proteger as nascentes e plantar árvores para resolver a questão hídrica na região. Mas, para ele, agora é necessário fazer um trabalho direcionado ao uso e governança das águas, com a necessidade de um Estado mais atuante.

No território do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu e em boa parte da margem direita do rio São Francisco no Norte de Minas, a ocupação das áreas de chapadas vem sendo dos grandes monocultivos e da produção industrial

*Os rios que eu encontro  
vão seguindo comigo.  
Rios são de água pouca,  
em que a água sempre está por um fio.*

João Cabral de Melo Neto

próxima das cidades. É importante destacar que boa parte dos afluentes do São Francisco da margem direita recebem suas águas principalmente das chuvas, sofrendo influência direta do clima. Dessa forma, têm como característica serem, em grande parte, rios temporários, que param de correr com o período das secas e retornam “no tempo das águas”. Entretanto, é da junção dessas margens que compreendemos a perenidade do Velho Chico. A bacia compõe as raízes do grande rio, nutrindo-o de novas águas e cores. É, também, no encontro dessas águas que os peixes sobem para desovar e assim garantir o ciclo da vida.

## seguindo o rastro das estrelas

Foi no rastro das estrelas que iniciamos nossa travessia pela região do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu, no norte e noroeste de Minas e pedacinho da Bahia, para falar de águas. De acordo com os moradores das comunidades ribeirinhas do Urucuia, da Carinhanha e do Peruaçu, completara-se cinco anos sem chuvas. Decidimos seguir sem medir distância. Rumar pelas trilhas estreladas em busca da Beleza que resiste mesmo em tempos de seca: homens e mulheres que são parte daquelas águas.

Chegamos, assim, ao Vão dos Buracos, comunidade situada em um grande cânion, compartilhando a morada com as araras vermelhas, abrigo de uma das nascentes do rio Pardo. O Vão é identificado como uma espécie de corredor de biodiversidade e de histórias sertanejas, que une o Parque Nacional Grande Sertão Veredas ao Parque Estadual da Serra das Araras e as comunidades tradicionais quilombolas de Morro do Fogo e Barro Vermelho. Devido à sua especial formação geológica e hídrica, possui pouco espaço de terra firme para uso em agricultura, visto que grande parte é constituído pelo rio Pardo e suas veredas.

Mas o que nos levou até o Vão foi uma pergunta: quem planta água no território? E que histórias estão atreladas a esse gesto? Mais do que conhecer tecnologias sociais que ajudam a preservar nascentes, encontramos corpos nutridos de estrelas colhendo vida na região do Norte de Minas.

## plantadores de águas

Plantar é um ato relacional, produzido pela junção entre ser humano, terra e água. Mais do que uma opção na subsistência alimentar, plantar requer espera, observação, persistência. Quem planta participa de um ciclo íntimo e misterioso em que o trabalho não produz apenas o alimento para ser comido, mas transforma-o em dádiva.

Numa região onde a seca é sempre uma ameaça à permanência, moradores começaram a plantar água. Com técnicas simples, algumas já reconhecidas tradicionalmente e outras trazidas por pesquisadores, experiências têm revelado resultados surpreendentes.

As primeiras casas de plantadores de águas são a de Tico e Maria e a de Seu João e Dona Maria, membros da associação Quilombola de Buraquinhos, sendo Tico o vice-presidente. Ambas as casas hoje produzem alimentos diversificados em sistemas de agroflorestas, ligando o manejo tradicional das veredas à transição agroecológica sem uso da queimada.

As duas agroflorestas, sistemas de plantio que integram cultivos agrícolas e árvores, fazem do lugar um local de produzir em pouco espaço físico, com diversidade. Pelas condições de localização, as duas agroflorestas têm 400 metros quadrados plantados com banana, feijão, mandioca, acerola, limão, cana-de-açúcar, hortaliças e seis árvores de eucalipto que vão garantir a troca da cerca para o próximo ano.

Para Tico, o sistema foi a melhor solução para a família, com os filhos – e as necessidades – crescendo. No Quilombo dos Buraquinhos, situado a cerca de 32 quilômetros da sede do município de Chapada Gaúcha, já se pede terra para viver em família. O sistema de agrofloresta permitiu não apenas plantar água, mas demonstrar que a diversificação da produção pode ser feita em uma área de 20x20m, explica ele. Um dos grandes desafios do quilombo é a expansão da fronteira agrícola em terras adequadas ao cultivo, numa percepção comunitária do Cerrado.

Os sistemas agroflorestais implantados no Vão dos Buracos contribuíram para a construção de um olhar cuidadoso no manejo e na relação com a terra, a partir do princípio metodológico do “aprender fazendo”, inspirado no educador Paulo Freire. A ação foi realizada em parceria com a Ecoforte e coordenada pela Funatura, que buscava trazer soluções para demandas existentes na comunidade. De acordo com Fernanda Maciel, engenheira agrônoma



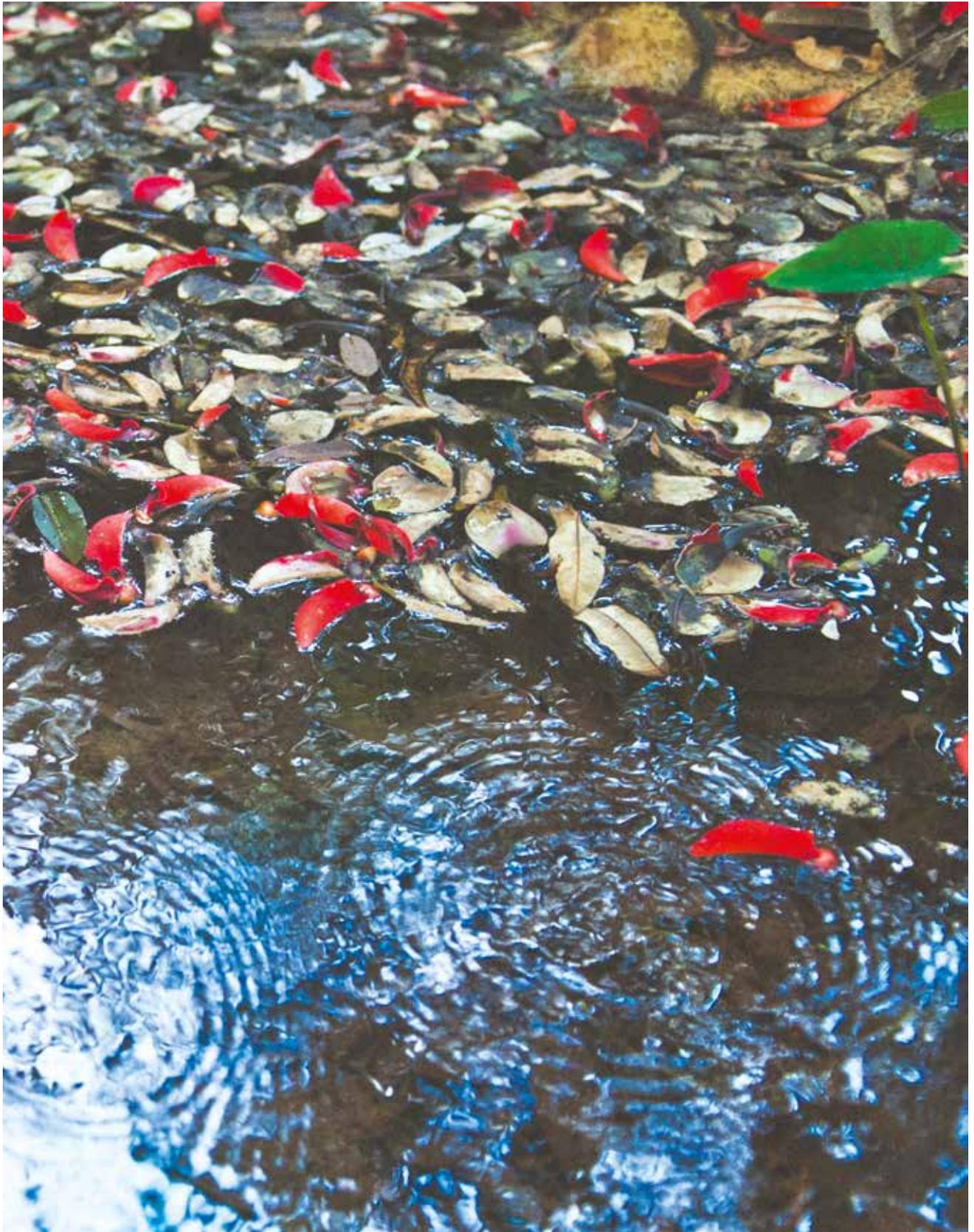


Foto: Kika Antunes  
Mulungus do Brejo margeiam as minas no terreno de Zé Torino. Vê-se a água brotar do chão.

e zootecnista, a partir do mutirão que envolvia todos os membros das famílias beneficiadas, a criação e manejo das agroflorestas constituíram seu conceito para a própria comunidade. Hoje, Tico e seu João e as duas Marias são capazes de explicar o ciclo de produção das águas e dos alimentos de maneira a dar injeção a pesquisadores do tema. “O saldo de qualidade e a diversificação da produção geraram inclusive excedentes que poderão ser comercializados”, afirma Fernanda Maciel.

Descendo o rio Pardo em direção a Januária, alcançamos o médio Peruaçu. Quem faz as honras da acolhida é a família de Seu Zé Torino e Dona Nelinda, moradores da comunidade Peruaçu, vizinhos à Área de Preservação Ambiental Cavernas do Peruaçu. A entrada da casa é pintada à mão e são as flores plantadas por Nelinda que nos dão as boas-vindas, revelando mãos cuidadosas e alegria sertaneja.

Zé Torino, assim como é conhecido, chama-se José Aparecido de Macedo. O apelido vem desde menino. Naquela época ele não gostava muito, mas sorrindo diz que hoje, se pudesse, “trazia para dentro do nome”. Seu Zé Torino casou-se com Dona Nelinda no início da década de 80. Logo, seguiram para São Paulo em busca do sustento da família, como tantas histórias frequentes nas regiões do interior. Seu Zé nunca se esqueceu dos Gerais e das terras onde “tudo dava antes”. Retornou com a família para cuidar das terras do sogro, colocando roça. Muito engenhoso, como se identifica, ele ficou na parte mais alta das terras, e como gostava de lidar com “plantio e proteção”, dedicou-se principalmente às árvores.

Sua propriedade é atravessada pelo rio Peruaçu, um dos mais importantes da região e que hoje corre com fartura. Mas não foi sempre assim. Atento às épocas do ano e curioso, Zé Torino realizava, dentro de sua área, experimentos para fazer voltar a água das sete minas que tinham secado. Em 1996, iniciou o processo de recuperação das nascentes, subindo sua roça para cima e deixando a área das minas d’água regenerarem. Para ele, essa ação diminuiria o impacto sobre a terra e as minas poderiam retomar forças novamente. Conta que, nesse período, a assistência técnica era da sua cabeça com a contribuição dos cursos que fez. Isso o levou a pensar em outras possibilidades de produzir e gerar renda.

Nos diz que o presente de casamento foi a morada, mas também as minas d’água, antes secas e hoje recuperadas. Olha sorrindo para o rosto de Nelinda, que nos acompanha atenta e busca atalhar as brincadeiras de seu companheiro.

Sem sentirmos o tempo passar, já estávamos caminhando dentro da vereda. Toda rodeada por uma planta alta, parecida com a cana mas que na verdade é uma espécie de capim especial utilizado para proteção de nascentes. Seguimos abrindo picada por dentro do capim, Zé Torino identificando as minas d’água. “Espia só, era aquela mina que queria mostrar, a mais difícil, a mais escondida”. Antes de chegar, tivemos que pedir licença às abelhas que ali pousavam protegendo o brejo profundo. Pequenininha, a mina se colocava ali frente a frente com seu cocriador. Em silêncio, ficamos a olhar a água borbulhando no meio do capim alto, vinda de dentro do chão. Zé Torino, com seu facão ao lado, brilhava os olhos: “assunta meninas, vejam como ela faz”.

## Das cisternas à floresta: plantar água é chover fulô

Quando chovia as primeiras águas de granizo nos Gerais, era proibido dizer que era chuva de pedra, pois era perigoso falar essa palavra, ensinavam os mais velhos. Ao invés de pedra, a mãe ensinou a gente a dizer que está chovendo fulô. (Fabiana Lima, memórias de infância, grupo Diadorina.)

**O** que leva uma família a criar modos e invenções para transformar o ambiente? Nelinda, de olhar penetrante e fala baixa, só ria ao longo da nossa visita. É de parte do seu trabalho que a família tira todo o sustento da casa. Sente saudade de lidar diretamente com a vereda, onde tinha sua horta, mas compreende que aquele lugar necessita de outra forma de cuidado e reconhece que em seu quintal hoje tudo dá. Ela produz hortaliças, frutos do Cerrado e de quintal – que ela transforma em polpa para suco –, mandioca, feijão. Na agrofloresta, “lugar que se planta dentro da planta”, já aponta os pés de cajá-manga, manga, figo, amora, jacarandá-mimoso, caju, umbu-cajá, caqui e cacau. “Ainda novinho, mas tão logo já produzindo”.

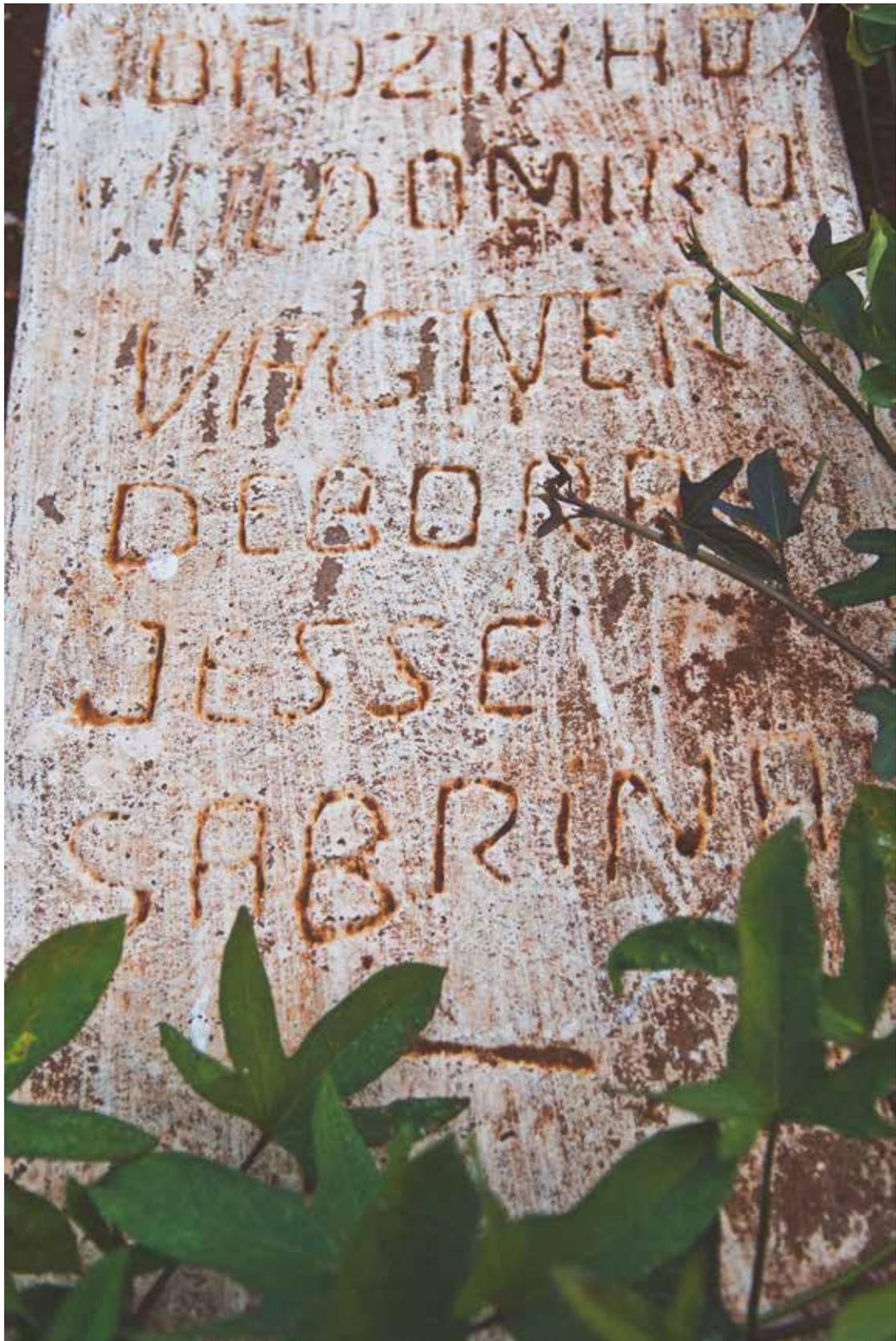
Por todo o quintal encontramos mimos produzidos por ela: “Na horta, quando termina um tipo de verdura, começa novamente. A alface é casadinha com a rúcula, uma pertinho da outra”, para que sua escolha seja feita de modo alternado. Coentro, salsa, cebolinha e canteiro de repolho,



Foto: Kika Antunes  
O terreno de Zé Torino, nos Olhos D'água, é um dos pontos em que o rio Peruaçu corre cheio.



D. BENTON  
T. J. BENTON  
J. BENTON  
T. BENTON  
L. BENTON  
M. BENTON  
P. BENTON  
R. BENTON  
S. BENTON  
V. BENTON  
W. BENTON  
X. BENTON  
Y. BENTON  
Z. BENTON  
A. BENTON  
B. BENTON  
C. BENTON  
D. BENTON  
E. BENTON  
F. BENTON  
G. BENTON  
H. BENTON  
I. BENTON  
J. BENTON  
K. BENTON  
L. BENTON  
M. BENTON  
N. BENTON  
O. BENTON  
P. BENTON  
Q. BENTON  
R. BENTON  
S. BENTON  
T. BENTON  
U. BENTON  
V. BENTON  
W. BENTON  
X. BENTON  
Y. BENTON  
Z. BENTON



Fotos: Kika Antunes

Os nomes dos companheiros de mutirão foram gravados no cimento durante a construção da cisterna.

todo o beneficiamento das folhas e dos frutos é feito por ela, até sua comercialização.

Mas Zé Torino e Nelinda sabem que planta-se água para que as nascentes sobrevivam e os rios voltem a correr. Assim, o consumo para a casa e a horta precisa respeitar esse ciclo e não retirar a água “plantada” nas minas. Em 2016, toda a produção foi mantida com água da cisterna, implantada no quintal pela Cáritas de Januária, para captação da chuva. “Deu para plantar o ano todo”, afirmam. A água vem da caixa d’água, abastecida pelo calçadão, espécie de piso de cimento, em formato retangular, com caída para caixa d’água. O casal sabe que, cuidando da água, ela virá de qualquer jeito. E o carinho é tanto que eles fizeram gravar no cimento do piso os nomes dos parceiros que ajudaram a construir a cisterna, toda rodeada de flores. Tecnologia social, inovação e amizade que crescem junto com as nascentes.

## Água que vem das cisternas

É sabido que as políticas públicas de acesso e gestão da água mudaram muito ao longo dos últimos 20 anos. Foram mais de 1 milhão de cisternas construídas com apoio da ASA – Articulação do Semiárido, nos dez estados que compõem o semiárido brasileiro. Além de possibilitar o acesso à água, as cisternas se tornaram importantes na permanência das comunidades e famílias em suas regiões, na liberdade de organização e participação política. Hoje a implantação dos sistemas leva em consideração o local, o uso de mutirões, a participação das mulheres e o estabelecimento de trocas, fundamentais para o desenvolvimento pessoal e comunitário. A política de cisternas, aliada a outras ações de desenvolvimento e distribuição de renda, contribuiu em larga escala para melhorar todos os índices de desenvolvimento no Semiárido.

O imaginário da terra rachada com os animais abandonados à própria sorte ainda permanece na percepção do senso comum e muitas vezes nas propostas eleitorais. A Articulação por uma Educação do Campo no Semiárido Mineiro – composta por educadores geraizeiros, quilombolas, indígenas, pescadores, vazanteiros, groteiros, assentados do movimento dos trabalhadores Sem Terra, trabalhadores do movimento sindical, agricultores camponeses e pesquisadores regionais – publicou em 2017 o livro *Opará e Jequi: os vales e seus saberes*, buscando romper tal visão e afirmar que a região possui um vasto e rico acervo

natural, cultural e humano, que encontra forças na coletividade e que celebra com alegria a própria vida, marcada pela necessidade de solidariedade mútua.

Apesar da política atual realizada de forma participativa, as famílias de plantadores de águas que conhecemos nos mostram que a convivência no Semiárido a partir da ideia de “combate à seca”, promovida pelo Estado sobretudo a partir da década de 80, gerou distorções na relação entre homem e natureza. O desafio agora é compreender o conjunto de biomas do Semiárido brasileiro como regiões de matas nativas, com suas particularidades, dinâmicas e necessidades de respostas aos temas ambientais. Que nosso povo sintam-se parte da natureza como lugar rico e múltiplo, que necessita ser cuidado para que a água regenere em sua diversidade de ciclos. Podemos sonhar que, para cada cisterna implantada, uma árvore de seu Zé Torino e Nelinda será plantada. Desconstruir a visão de natureza apenas como recurso para a produção de bens de consumo para considerá-la como espaço de co-existência.

É no quintal de Nelinda e Seu Zé que aprendemos que cisterna não se separa da floresta, em um olhar que une o quintal e o Cerrado. Eles não apenas ajudam a preservar nascentes e veredas, mas nos mostram que a vida necessita da reciprocidade, aquela que a antropologia define como “dar para que o outro dê”. Plantar água é, por isso, um gesto de nos recordar que somos feitos dessas mesmas águas.

**Semiárido:** 1.100 km<sup>2</sup>; 1.257 municípios, 27 milhões de habitantes, sendo 9 milhões na zona rural; média pluviométrica de 750 mm/ano; média de evaporação de 3.000 mm/ano, vegetação predominante de Caatinga.

Link: [http://www.asabrasil.org.br/images/UserFiles/File/DECLARACAO\\_DO\\_SEMI-ARIDO.pdf](http://www.asabrasil.org.br/images/UserFiles/File/DECLARACAO_DO_SEMI-ARIDO.pdf)

1. Entrevista especial cedida a Patrícia Fachin, do Movimento S.O.S Cerrado.



Foto: Kika Antunes  
No quintal de Nelinda e Zé Torino, o cuidado e a beleza estão presentes o ano todo.

# ÁRVORES DO SERTÃO: BARRIGUDA

BERNARDO GONTIJO

**É** impossível deixar de perceber uma barriguda quando ela se faz presente!

Seja observando ao longe, seja tendo uma surpresa quando dobramos uma curva numa trilha qualquer, seja admirando fotografias ou filmagens. Lá está ela, que por vezes pode chegar a até 30 metros de altura, sempre se destacando ao lado das companheiras árvores, estas outras quase sempre desfolhadas e mirradas, mas tão fortes quanto as barrigudas, senão não estariam todas lá.

A paisagem da caatinga ou da mata seca, onde a barriguda gosta de ficar, exige o custo da adaptação. Todas as plantas têm que saber economizar a pouca água que aparece. E elas encontram mecanismos incríveis para guardá-la – debaixo da terra, nas folhas, nos caules, suportando longos períodos de estiagem...

Água!

Numa época de grande escassez, sem avisar em que ano vai aparecer em maior quantidade, deixando os rios atônitos, pois, sem ela, deixam de ser rios!

E a barriguda permanece lá! Ela soube guardar água em seu caule redondo. Por isso, não perde o viço – produz flores e frutos lindos que aparecem com data marcada, entre agosto e outubro, e se mostra sem pudor, exibindo sua barriguinha charmosa e única. É uma árvore vistosa, alta, cheia de vida.

Como sempre foi notada, as pessoas quiseram descobrir seus mistérios. Por que permanecia garbosa em meio a uma paisagem aparentemente sofrida.

Cortaram seu caule, investigaram seu miolo, descobriram que sua madeira, leve e maleável, longe de sustentar casas ou pontes, era boa para dialogar com outros elementos. Ela é excelente na conversa com a própria água, pois é boa para o estofado de boias, barcaças, para fazer canoas e balsas: muita barriguda já navegou pelo São Francisco! É hábil também para dialogar com o calor, pois é muito eficiente como isolante térmico, permitindo a manutenção do frio em câmaras frigoríficas e geladeiras. Ela também gosta de estar com as crianças, pois permite a criação de brinquedos e outros adereços, lápis e papel. A barriguda dialoga com todos, porque permite a fabricação de caixotes, engradados, tamancos, gamelas e cochos. Dialoga até com o ar, pois é usada na fabricação de aviões e aeromodelos!

Quanto uso!

Mas, o que queremos mesmo é que ela permaneça lá – na caatinga ou na mata seca. Quando muito, podemos furtar algumas de suas mudas para enfeitar nossas praças e ruas e produzir um pouquinho de sombra quando o sol está mais alto e forte. Nossas cidades precisam de mais árvores!

A imagem que fica é a da grande mãe grávida! Mãe d'água, mãe sertaneja, prenha de vida, cheia de graça e charme! Que resiste à seca, à sanha, ao saque. Que rebrota a cada temporada de chuva. Que abriga a fauna, alimenta periquitos e papagaios. Que dá sombra, que exala perfumes e brotos, que marca presença, que afirma a beleza, que se espalha pelo vento, mas só brota em terra boa.

Amém!

Foto: André Dib (WWF Brasil)



## salobro

**ANTÔNIO DA SILVA GRAMACHO**

“Vinha uma turma de nós, descen ‘den ‘do rio, devia ser uns oito, dez. Vixe, tem muitos anos. Quando nós chegou no ponto do porto da canoa, os menino tudinho procurou o lado da banda, que eles iam mais beirando Minas. Nós morava em Minas. Eu tava mais pro lado da Bahia. Entusiasmei de ir pro lado da Bahia. Quando eu já tava assim mais perto, mas quase no meio do rio ainda, ele atravessou n’eu assim, na minha barriga. Me arribou dessa altura aqui da água. Ele entrou debaixo da minha barriga aqui, me fez assim, ah! E tornou a descer. Mas eu nadei pra encostar com tanta velocidade que, quando eu encostei no barranco, eu não guentei tirar o corpo de dentro d’água, o corpo parece que anestesiou tudo. De cansaço, de tanto esforço. Mas ele não me deu pancada, não. Senti que ele era cabeludinho, que eu senti o cabelo maciinho na minha barriga.”

## carinhanha

**FELICIANO RODRIGUES DOS SANTOS**

“Cumpade D’água. Aqui nesse rio Carinhanha aqui, aqui tem. Agora não, né, que o rio secou demais. A gente nem sabe se eles tão morando mais aí. Têve uma vez aí mesmo que uns cara de Belo Horizonte veio aí, o remanso fundou o barco deles, derrubou os motor, veio uns corpo de bombeiro lá de Belo Horizonte aí, mergulhou, mergulhou, entrou dentro do túnel aí, diz eles que tinha lugar lá que parecia uma cidade lá debaixo desse lugar lá. Diz eles que era. E num achou os motor, não. Diz que eles faz a casa lá igual aqui seco, mas é no fundo d’água. Esses lugar que tem pedra, aí. Hoje em dia não existe isso mais, não. Cabou tudo. O rio secou. Isso foi naquela época que tinha rio ainda, tinha cheia. Mas hoje, cabou tudo. Só se for pro lado da barragem pra lá.”



Foto: Marcela Bertelli

## patos

ALEIXO FELICIANO SOUZA

“Pois é, mas na água dele a história que a gente sabe, o motivo é assim, como eu tô dizendo, que naqueles tempos ele era um rio muito forte de água. Tinha toda natureza, assim, de criação, de coisas bruta, do mato, como tem... num tem o que o povo fala.... o caboclo d’água? Pois é, essa Carinhanha nossa tinha. Sim, o caboclo d’água. Que eu mesmo conheci. Às vezes a gente fala isso, o povo pensa que é uma história, mas eu conheci. Porque ela era muito alta, aqueles rião, que a água chegava a balançar, assim. Então eles moravam nesses lugares. Às vezes, quando dava nas primeira chuva, que começava a trovejar, eles vinham aqui nessas beira, a gente rodava, via eles. Esses molecão, assim com a cabeça esquadrejada, assim como se fosse uma rapadura. Via tudo, esses bichão, aqueles molecão preto. Aí, eles via a gente e caía lá n’água, lá. E nós, como era menino, assim, uns rapaz novo, nós ainda ia olhar. E os pai brigava, ‘menino, cê num tem medo desse caboclo puxar ocê aí pra dentro d’água, menino?’. ‘Mãe, nós vimo um molecão lá, um homão, caiu den’ d’água de cabeça pra baixo!’. E nós nem aí ó. O rastro dele era assim... Ele não fazia rastro que nem nós, não. Era assim aquele pé moiado, como fosse de cabelo, saía aquela cabelada assim no rastro dele assim, moiada, até onde ele caía na água. Num fazia rastro que nem nós assim, pra fazer o pé. O pé dele, assim, parecia que escorria água, ficava aquela fiapêra. Mas era uma coisa. E hoje cê não vê. Nesses lugar que a gente via eles, às vezes eu chamo os menino e falo assim, ‘ó, menino, aqui era o lugar onde nós via o caboclo d’água’. Hoje tá igual esse terreiro aqui, tá uma praia lá nesses lugar. Então esses tipo mudaram tudo, não sei onde é... Eles mudaram, pra outro lugar. Aqui na Carinhanha você não vê mais.”

“Eu não, tem hora que eu digo ‘ê, meu cumpadre’, num faço medo, não, eu nunca vi. Travessava o rio aí, nós dois, eu via minhas irmã de lá, tornava a ir pra lá, nunca vi. Mas eles conhece nós. Às vezes eles conhece nós, desde pequeno nós mora na beira do rio. Eles chega perto de quem eles num gosta e igual, às vezes faz alguma coisa com ele. Aí agora ele pirraça mesmo. Eu não vi, mas teve gente que viu. Foi tudo pescar, diz que esse homem pescou, pescou, num matou nenhuma piaba. E os outros pegava, matava. Aí até falou que ele tava encantado, né. Aí o outro foi embora, ‘ah, num matei nada’, e foi dormir na grua. Aí chegou, desse tamaninho, o homem. Ele tava lá quieto na grua. Chegou, ‘Ê, Pedro, levanta! Por que que os outro tá pescando e cê num tá?’. Aí disse que ele falou assim, ‘Num vou, porque os outros tá matando peixe e eu num matei nenhum.’ ‘Qual é o peixe que cê quê?’. Aí diz que ele falou, ‘Rapaz, quando aquela estrela grande sair, cê vai lá naquele pé de pau lá, cê vai pegar três Mandim. Três Surubim, que cê vai pegar. Mas cê num fala.’ Aí ele voltou, caiu n’água e foi embora. Aí, quando chegou no horário, o homem levantou, falou, vou pescar. Do jeito que ele falou, aconteceu. Que aconteceu, pegou os três Mandim, voltou com três surubimzão. Ele chegou premeiro do que os outro companheiro que tava no rio. Voltou, deixou o peixão lá dentro do barco, foi deitar. Aí os outro chegou, falou: ‘Ééé! Ele tirou o dedo do cu, três surubim que Fulano matou! Moço, que foi que ele teve?’. Chegou lá, ‘Fulano, fulano!’, ele, ‘Ó!’. ‘Moço, cê pegou três surubim!’. O dever dele, ‘Foi Deus quem me deu’, né? Que ele pediu pra num falar. O compadre pediu ele pra num falar pá ninguém. Tá compreendendo? Os outro chegou e falou, ‘Moço, cê hoje tirou o dedo do cu, cê pegou três surubimzão? Ahh, num pode!’. O dever dele, ‘Foi Deus que me deu, moço!’. E depois, ‘ah, cê num sabe quê que aconteceu’. O homem falou, ‘O que foi?’, os companheiro dele. ‘Depois que cê saiu, veio aqui um homem assim, pegou, falou pra mim pescar.’ ‘Foi?’, ‘Foi!’. ‘Aaah!’. Ele foi lá, quando tava no rio sozinho pescando, ele saiu da beira, o cumpade, ‘Mas o que foi que cê falou?’. Pegou assim, tá! Tá! Deu uma sova nele dentro d’água. Tá! Tá! ‘Agora nunca mais cê fala!’. E tá certo, como é que fala uma coisa e vai fuxicá?”



Foto: Marcela Bertelli



Foto: Marcela Bertelli

# QUEM ESCREVE



**ADEIR VINICIUS SEIXAS DA ROCHA**  
Pedreiro, estudante de Letras, integrante do Movimento Veredeiro, morador do distrito de São Joaquim.



**ADNER SENA VIOLEIRO**  
Poeta, compositor e crítico literário.



**ALEIXO FELICIANO DOS SANTOS**  
Produtor rural, professor popular e morador da comunidade tradicional Patos, município de Januária.



**ANTÔNIO DA SILVA GRAMACHO**  
Produtor rural da comunidade tradicional de Salobro, município de Cocos (BA).



**BERNARDO GONTIJO**  
Biólogo, Geógrafo, Professor na UFMG e amante do Cerrado.



**CAROL ABREU**  
Jornalista, educadora e percussionista da banda Djalma não entende de política.



**DAMIANA CAMPOS**  
Pedagoga do Núcleo de Educação e Cultura do Instituto Rosa e Sertão, membro do grupo Diadorina e colaboradora do CineBaru e d'O Caminho do Sertão.



**DIONÍSIO NUNES DE SOUSA**  
Pescador de Icó (CE).



**FELICIANO RODRIGUES DOS SANTOS (FISSU)**  
Pescador e remeiro de Barra do Parateca (BA), hoje vive em Carinhanha com a esposa, Natalina.



**GABRIEL OLIVEIRA**  
Pesquisador e produtor cultural, diretor do filme *Gerais da Pedra*. Estuda as interações existentes entre a literatura de João Guimarães Rosa e a geografia dos gerais.



**JANAELLE NERI**  
Articuladora do Vale dos Quilombos, consultora em Projetos Sociais e Administração Pública, gestora do Projeto Cidadania Ribeirinha da ALMG, negra e mãe.



**JULIO ABREU**  
Designer gráfico. Publicou o livro de poemas *Jogo das horas* (Scriptum, 2015).



**KIKA ANTUNES**  
Fotógrafa e artista visual.



**LEONORA WEISSMANN**  
Artista plástica, cantora e compositora.



**MARCELA BERTELLI**  
Antropóloga, gestora cultural, membro do grupo Ilumiara de pesquisa e música, diretora da Lira Cultura.



**MARIA DE JOÃO DE ALTA**  
Agricultora da comunidade de Estiva.



**MYRLENE PEREIRA**  
Psicóloga, comunicadora, educadora popular e feminista. Colaboradora voluntária da Articulação Semiárido Mineiro – ASAMinas e da Cáritas.



**NATALINA MENEZES DA CRUZ SANTOS**  
Pescadora de Malhada (BA), hoje vive em Carinhanha com o marido, Feliciano.



**PAULO FREIRE**  
Violeiro, contador de causo e escritor.



**PAULO JUNIOR**  
Jornalista e documentarista, é um dos realizadores do CineBaru e diretor de *O Acre Existe e Largou as Botas e Mergulhou no Céu*.



**TAVINHO MOURA**  
Músico, compositor, fotógrafo e escritor.



**VICENTINA BISPO (DONA TINA)**  
Extrativista de Januária (MG), é criadora da marca "Pequitina", que comercializa produtos derivados do pequi. É precursora do pequi desidratado.

# EXPEDIENTE

## EDITADA POR

Instituto Cultural e Ambiental Rosa e Sertão  
Lira Cultura  
Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu

## COORDENAÇÃO EDITORIAL

Carol Abreu  
Damiana Campos  
Marcela Bertelli

## PROJETO GRÁFICO

Júlio Abreu + Leonora Weissmann/  
Jiló Design

## REVISÃO

Maria Clara Xavier

## FOTOS DA CAPA

Kika Antunes (primeira capa)  
Edmilson Borges da Silva  
(segunda e terceira capas/foto ampliada  
em duas páginas)

## FOTOS

Hugo Messina  
Kika Antunes  
Marcela Bertelli  
Maria Ribeiro  
Tom Alves  
Cacai Nunes

## REVISÃO

Maria Clara Xavier

## PRODUÇÃO

Damiana Campos

## NÚMERO 2

Maio de 2018  
Tiragem: 3000 exemplares

## ISSN

2525-6734

## AGRADECIMENTOS

Pelo pouso, alimento, apoio, transporte, pala-  
vras, olhares, caminhos e alegrias:

Aline Magalhães, Sebrae/MG  
Altenfer Martins Fonseca  
Associação Cultural de Ribeirão de Areia/MG  
Camila Medeiros  
Centro de Artesanato de Januária  
Cesar Victor do Espírito Santo  
Comissão Pastoral da Terra (CPT)  
Comunidade Buracos /MG  
Comunidade Buraquinhos /MG  
Comunidade Cangussu/BA  
Comunidade Fabião /MG  
Comunidade Meios /BA  
Comunidade Quilombola do Onça /MG  
Comunidade Quilombola Retiro dos Bois /MG  
Comunidade Ribeirão de Areia /MG  
Comunidade Salobro/BA  
Conselho do Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu  
Cooperativa Agroextrativistas de Pandeiros  
Cooperativa Sertão Veredas  
CooPeruaçu  
Daiana Campos  
Débora Takaki  
Diana Campos  
Diocese de Bom Jesus da Lapa  
Dona Pequitina  
Hageu da Silva Messias  
IEF Regional de Januária  
Instituto Chico Mendes de Biodiversidade –  
ICMBio  
Instituto Sociedade População e Natureza  
(ISPNI)  
Irmã Julice Lina Santiago  
Irmã Maria Fritzem  
Irmã Virgínia Vitória Gonçalves  
Isabel Figueiredo  
Jacinto (Jau)  
Jerre Sales (Caritas Diocesana de Januária)  
João Paulo Cunha  
João Roberto Barbosa de Oliveira  
Joel Araújo Sirqueira  
Jose Elias Pereira Lopes  
Juliana Afonso  
Julita Abreu (CPT da Bahia)  
Kolbe Wombral Soares Santos  
Laíssa de Araújo Viana  
Letícia Campos

Mário Lúcio dos Santos  
Museu da Palavra do Cerrado  
Padre Antônio Junior da Silva  
Parque Nacional Cavernas do Peruaçu  
Paulo Henrique Vieira Gomes  
Rafael Pereira Pinto  
Rogério Faria Tavares  
RPPN Porto Cajueiro  
Seu Juquinha do Cajueiro  
Wânia Peixoto

## INSTITUTO CULTURAL E AMBIENTAL ROSA E SERTÃO

Vera Lucia de Farias Almeida  
PRESIDENTA

Maria Lúcia Ribeiro  
VICE-PRESIDENTA

Marilene Pereira Lima  
VICE-PRESIDENTA

Daiana de Sousa Campos  
COORDENAÇÃO EXECUTIVA

## PARCEIROS

Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu  
BDMG Cultural  
Governo de Minas Gerais  
WWF

LIRA  
CULTURA

Rua Dr. Jarbas Vidal Gomes, 30/sala 603  
31.170-070 – Cidade Nova  
Belo Horizonte/MG  
55 31 3224 6700  
contato@liracultura.com.br



“É um neguim, é um neguim, ele é encantado, ele. Cê vê ele, mas ele pode se encantar, passar no barranco alto. De dia, ele passa no seco, tá um barranco bem alto. E, se quiser, é... coisa com ele, ele persegue a gente do mesmo jeito de uma pessoa pra matar. Eu tava no rancho, eu era rancharo lá no rio. Todo dia eu via ele. Todo dia nós ia, levava uma garrafa de pinga e um pacote de fumo pra ele. No dia que nós num levava, ele num botava peixe na rede. Ó, Zé Bexiga, ele pescava mais eu, um dia nós descemo, aí a rede enganchou no meio do lance, eu digo, ué, aqui num tem gancho. Aí nós num tinha levado o fumo nem a pinga pra... Porque nós ia e soltava no pé da boia, né. Aí eu tava tirando já a brusa pra margulhar, aí Zé disse, ‘é cumpadre d’água’. Eu digo: ‘meu cumpadre, solta a rede, que amanhã nós levemo a pinga, porque num tinha. Mas aí nós leva, cê bota um peixim na rede’. Ele foi, soltou a rede. A rede caminhou. Todo dia nós levava, nós já tinha devoção de levar todo dia de tarde. Soltar lá no pé da boia. Ali naquele lance ali, Pedro. Ali perto da barra, na Ilha da Encrenca. Foi aqui, no São Francisco. Carinhonha é difícil ter ele. Mas tem. Mas diz que antigamente tinha. É que o rio secou, ele só fica mais em lugar fundo.”

**DIONÍSIO NUNES DE SOUSA**

# Manzúá

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



PARCEIROS

